

texturas⁰⁵

 Revista Literária da Oficina da Palavra • Junho • 2021



Cira-Mundo

Contos • Crônicas • Poemas • Experimentos

REVISTA TEXTURAS

Oficina da Palavra Publicações

Projeto Gráfico e Diagramação:

Ítalo Mendonça

Edição e Revisão Geral:

Cyntia de Oliveira e Silva

Imagem da capa:

Criação artística de Anailime, 2017,
fotografada por Cyntia Silva.

Contato:

Telefone: (48) 9 8481.0843

cyntia@ofpalavra.com.br

[instagram.com/oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook.com/ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

OFICINA DA PALAVRA

Revista Texturas.

v.1, n.5 (jun. 2021) – Florianópolis: Oficina da Palavra Publicações, 2021. 86 f.: il
“Vários colaboradores”

Semestral

Publicada também como Revista Eletrônica no *site* da Oficina da Palavra
(www.ofpalavra.com.br).

1. Literatura - Periódico. 2. Conto e crônica. 3. Poesia. 4. Fotografia. 5.Arte.

Sumário:

4 *Cyntia Silva*
Apresentação

– CRÔNICAS & CONTOS

8 *André Timm*
Seleção Natural

12 *Ricardo Conceição*
O menino e o vento

14 *Clarmi Régis*
Encontros

18 *Cláudia Simões*
Os infiltrados

22 *Aline Takashima*
Canção de Ninar

26 *Carlos Nogueira*
Tédio

30 *Maria Beatriz Gubert*
A neta preferida

34 *Cyntia Silva*
A cidade na cidade

36 *Marcio Markendorf*
in-correspondências

40 *Roberto Panarotto*
Conto roteiro

– RESENHAS & ENSAIOS

46 *Piu Gomes*
Degenerado, Aprendendo a cair e Solidão

52 *Mauricio Mullinari*
Anna Kariênina: entre a aristocracia e a promessa do amor burguês

– POEMAS E FORMAS LIVRES

60 *Ítalo Mendonça*
Notas e aforismos

64 *Andrea Custodio, Cilene LO, Luciana Araújo, Mariana Amorim, Mari Pelli, Negra Si.*
Ninho de Escritoras

72 *Luciana Tiscoski*
É só pânico

74 *Marcoliva*
Tomados pela música

76 *Priscila Lopes*
Oitenta e três

78 *Ângela Prestes*
Janelas

80 **Créditos Finais**



Girar. Movimentar-se. Somos correntes de energia. Do micro ao macro. Abosorva, assimile e libere. Seres em fluxo contínuo. No nosso interior. No lar. No mundo. No espaço. Temos o poder de nossas ações.
(Texto bordado em uma das rodas da capa, por Anailime P).

Gira-Mundo

*Foto de Cyntia Silva.
Florianópolis-SC, 2021.*

Apresentação

A QUINTA EDIÇÃO DE TEXTURAS sai em mais um outono de pandemia. Fazer e circular arte em nosso país é uma batalha cotidiana, mas continua nos energizando para enfrentar o desafio de continuar vivos e chorar pelos nossos mais de quinhentos mil mortos, levados pela Covid-19 e por uma gestão genocida.

A repercussão do nosso trabalho com a Revista é outro potente combustível que nos enche de orgulho. E isso somente tem sido possível por estarmos integrados a uma rede de artistas que fazem ecoar suas vozes de resistência e de luta.

O abre-alas desta edição é a imagem das engrenagens que conectam a vida no Planeta. É um mundo reconstruído a partir da reutilização do que foi descartado para fazer girar a roda do consumo capitalista. É também um mundo visto da perspectiva de quem vive ao sul do Equador. Fiz a foto durante uma visita ao *Museu do Lixo*, na Comcap¹, em Florianópolis-SC. A arte é da uruguaia *Anailime*.

Como sempre, trazemos textos de escritoras e escritores iniciantes e experientes. As linguagens e gêneros misturam-se, completam-se e reconectam-se em tramas por onde ecoam: memória - amor - forma - som - música - sensibilidade - escrita - micro - macro - contemplação - solidão - aprendizagem - distância - imigração - descoberta - vento - cidade invisível - janelas - resistência - percurso - ruptura.

Na seção de **contos e crônicas**, marcam presença: *André Tim, Aline Takashima, Carlos Nogueira, Clarmi Régis, Cláudia Simões, Cyntia Silva, Marcio Markendorf, Maria Beatriz Gubert, Ricardo Conceição e Roberto Panarotto*.

As **resenhas** são de *Piu Gomes e Maurício Mulinari*.

Com **poemas e formas livres**, temos: *Ângela Prestes, Priscila Lopes, Ítalo Mendonça, Luciana Tiscoski, Marcoliva e o Ninho de Escritoras com: Andrea Custódio, Cilene LO, Luciana Araújo, Mariana Amorim, Mari Pelli e Negra Si*.

As **fotos** são de *Cyntia Silva, Ítalo Mendonça e Roberto Panarotto*. A **ilustrações** são de *André Costa, Ben Ami Scopinho, Bruno Barbi, Cathy Burghi, Cilene LO e Izabela Drozdowska-Broering*.

Repletos de saudades dos nossos encontros de carne e osso, seguimos lutando pela vacina e por muito mais do que #ForaBolsonaro: contra as mazelas do capitalismo. Buscamos um horizonte em que a vida seja imperativa e a Arte, valorizada como profunda dimensão humana. Esperamos poder nos encontrar em breve em uma balada literária com toda essa rede de amigas, amigos e amigos.

Cyntia Silva

¹ Comcap - Autarquia Melhoramentos da Capital é a empresa responsável pela coleta e tratamento do lixo em Florianópolis-SC.

Crônicas & Contos

Seleção Natural

André Timm. (1976 -) É natural de Porto Alegre e radicado em Chapecó, SC, desde 2004. É autor de *Insônia* (2011) e *Modos Inacabados de Morrer*, romance finalista do Prêmio São Paulo de Literatura (2017) e publicado na Itália. Em 2018, venceu o Prêmio Off Flip, da Festa Literária Internacional de Paraty. Em 2020, publicou seu segundo romance, *Morte Sul Peste Oeste*. (www.andretimm.com.br)



Tentáculos

Foto de Cyntia Silva.

Florianópolis-SC, 2017.

QUANDO CERTA MANHÃ, Ingrid acordou de sonhos intranquilos, encontrou-se em sua cama metamorfoseada em uma criatura que não mais enxergava.

Posso trocar Gregor Sansa por Ingrid, certo, Kafka? Posso trocar “inseto monstruoso”, que é um tanto dramático, por “criatura que não mais enxergava”? É isso a literatura, não? Vestir a pele do personagem, se colocar no lugar dele. Ou é Gregor Sansa que veste a minha pele nesse caso? Não sei. Enfim, eu nem precisava pedir autorização, é mais por uma questão de respeito, de consideração. Uma vez no mundo, a história não é mais do autor e cada um faz o que bem entender dela, não é? A premissa também vale para você, Camus. Hoje, meus olhos morreram. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do meu corpo: “Seus olhos faleceram. Enterro amanhã. Sentidos pêsames”.

Desculpe lhe dizer, Kafka, mas Camus é mais musical que você. Tem mais ritmo. Flui melhor. Eu sei disso pela velocidade com que meus dedos percorrem os relevos, pelos lugares onde preciso parar ou não. Vocês conseguem ouvir esse som? Sim? Não? O cânone é tão vaidoso. Sou capaz de apostar que ainda que não estejam ouvindo, não irão admitir. Por via das dúvidas, esclareço. Esse tilintar é meu bastão de Hoover sibilando pelos corredores da escola. É como as anteninhas de um inseto, Kafka, apesar de não haver nada de monstruoso nisso. Uma antena adivinhando o que vem pela frente, escaneando o mundo aos meus pés, detectando vibrações em alturas que vocês nem seriam capazes de imaginar.

Mas preciso admitir: no princípio era mesmo o verbo. Diante do breu perene, na condição de estrangeira em minha própria terra, me refugiei em vocês. Depois, quando conheci Tarso, as coisas tornaram-se um tanto

menos soturnas. Não que algo em nosso entorno tenha mudado, mas é que já faz uma imensa diferença essa sensação de irmandade, uma cumplicidade tácita que se estabelece simplesmente pelo fato de saber que o outro está precisamente na mesma condição e enfrenta os mesmos problemas, especialmente quando se tem treze anos.

E agora, vocês ouvem? Preciso lhes dizer que essa polifonia às vezes atrapalha. Há momentos em que o silêncio é *sine qua non*. Estou tentando encontrar Tarso, uma tarefa árdua numa escola com mais de mil indivíduos existindo em toda a sua plenitude e com a máxima intensidade possível. Me desloco incrivelmente rápido, como se acima da minha cabeça houvesse um fio desencapado captando os pensamentos dele. Se vocês colaborarem, posso me concentrar especificamente nas batidas do coração. Vocês não sabem, mas cada coração bombeia sangue de uma maneira singular. Alguma coisa nesse abrir e fechar de válvulas, na forma como o músculo se contrai e relaxa. É como uma assinatura, por isso posso encontrá-lo em meio a uma legião de estímulos, mas é preciso um esforço tremendo. Às vezes parece apenas uma rádio fora de sintonia; estática; chiado; mas então me esforço, bloqueio todo o restante e consigo captá-lo novamente.

Eu e Tarso temos uma ideia recorrente. É bastante ousada e poderia colapsar toda a indústria do entretenimento. Imaginem um espetáculo musical completamente desprovido de qualquer artifício visual. Na entrada, cada um dos espectadores receberia uma máscara, dessas usadas para dormir. No princípio seria estranho. Sem dúvida, desconfortável. Mas tudo que importaria seriam os aspectos sonoros. Um despertar do ouvido, por assim dizer. Um golpe preciso

contra a ditadura da estética visual. A indústria pop se debateria como um inseto que, com as patas para cima, não consegue se desvirar. Milhares de “artistas” cujo apelo se dá em grande parte por sua aparência, ruiam. Estruturas imensas de telões e aparatos de luz e pirotecnia se tornariam sucata. As trocas de figurino perderiam completamente a razão de existir. Os gritos tresloucados de fãs diante de belezas arrebatadoras e efêmeras dariam lugar a um silencioso contemplar de uma paisagem sonora que vai se constituindo dentro de nós, camada por camada. Se houvesse relutantes, aos poucos, seríamos cada vez mais radicais, tirando-lhes a opção da escolha. Uma vez acomodados, apagaríamos todas as luzes. E mais tarde, talvez nem houvesse mais luzes a serem apagadas. Com o tempo, isso se tonaria maior. Cinemas cairiam em desuso, assim como a televisão. O rádio reviveria seu apogeu. Celulares voltariam a diminuir em suas dimensões, visto que não precisaríamos mais de telas enormes e brilhantes. A especialidade de oftalmologia desapareceria dos cursos de medicina. Fabricantes de óculos ou lentes de contato precisariam rever seu nicho de atuação. Utópico, eu sei. Ou melhor, distópico, não? K. Dick, Huxley, Orwell, vocês estão por aí? Ouçam essa, vocês vão gostar.

Aos poucos, no início por imposição, mas depois pelo simples curso natural das coisas, confiando que Wallace e Darwin estavam certos, pouco a pouco nosso aparelho visual, cada vez menos utilizado, diminuiria de tamanho. Gradualmente, nas raras vezes em que fizéssemos uso dele, nossa visão se tornaria cada vez mais turva e nublada. Aos poucos, os fotorreceptores de nossas retinas se tornariam menos eficientes, levando informações cada vez mais precárias aos nervos ópticos. As células responsáveis por detectar intensidade luminosa morreriam sucessivamente. O córtex visual do cérebro começaria a falhar, minando nossa capacidade de

perceber de maneira eficiente profundidade e distância. Bateríamos em objetos que julgássemos estarem mais longe; nossas mãos passariam ao largo de coisas que desejassemos segurar; daríamos passos em falso e dirigir se tornaria impraticável. Esclera, coróide e retina, paulatinamente, se aglutinariam, tornando-se uma coisa só para depois converter-se em um apêndice sem uso e, finalmente, deixar de existir.

Mas esperem, silêncio, por favor. Perdi Tarso outra vez. É engraçado, mas há todo um universo magneto-fantasmagórico que nos afeta mais do que vocês podem supor. São tantas ondas de tantas naturezas nos atravessando que às vezes somos bússolas desmagnetizadas momentaneamente, sem rumo, sem referência de onde está nosso norte verdadeiro. Mensagens, tevê, rádio, *wi-fi*, ligações, infravermelho, *bluetooth*, eletricidade, medo, ansiedade, ódio. Não se enganem, está tudo por aí, no ar. Dá pra sentir. Dá pra medir. Mas já devo estar mais perto de Tarso, consigo sentir seu perfume. Seguindo em nosso pequeno projeto de seleção natural e evolução da espécie, a diminuição do aparelho visual abriria espaço para que outros o ocupassem. Nosso sistema olfativo, por exemplo, se tornaria maior e, assim, muito mais eficaz. Com mais área de contato, os axônios das células olfativas poderiam captar mais partículas. E com células receptoras mais poderosas, uma quantidade maior de sinais elétricos seria enviada aos glomérulos, estimulando com maior intensidade nossos bulbos olfatórios, local em que os impulsos nervosos atingem o córtex cerebral e onde a excitação nervosa é, finalmente, transformada nisso a que chamamos de cheiro. Talvez, para os padrões contemporâneos de beleza, não fôssemos considerados os mais belos seres humanos. É provável que tivéssemos orelhas e narizes bem maiores do que os que costumamos ter hoje. Entretanto, lembrem-se, que diferença faria já que não enxergaríamos mais? E aqui começa a beleza dessa hipótese: o

valor das coisas por suas funções e capacidades e não por sua aparência. Nossa audição, prosseguindo, seria espetacular. Orelhas maiores implicariam em mais ondas sonoras fazendo os tímpanos vibrarem e impactando o ouvido interno, onde estas ondas transformam-se em impulsos nervosos que são transmitidos ao cérebro pelo nervo auditivo. Não quero me alongar nos pormenores técnicos, mas vocês são capazes de vislumbrar as possibilidades? Não seriam essas capacidades invejáveis a um escritor, visto que o que fazem é justamente transmutar estímulos em histórias?

Essa escola é minha Galápagos. Esse ônibus escolar que tomo todos os dias é meu HMS Beagle. Eu deslizo por esses corredores, saguões e reentrâncias captando ecos de um passado remoto. Sinto cheiros, amores e sabores. Lapido minha capacidade de inferência deduzindo o presente através do que veio antes dele. Entre tartarugas gigantes, tentilhões e adolescentes, eu decifro a vida e as espécies. Sou uma mutante, o próprio vislumbre do futuro, uma antecipação do que vocês podem vir a ser.

E agora já ouço com distinção o átrio direito de Tarso em plena atividade. Agora o esquerdo. Sinto seu perfume almiscarado. Vocês sabiam que antes do almíscar sintético, descoberto em 1888, a essência de almíscar era obtida através de uma glândula existente no cervo-almiscarado, que era morto para que dele pudesse ser extraída a matéria prima para o perfume? Ou ainda, vocês sabiam que a palavra almíscar vem do persa *mushk*, que significa testículo? Claro que vocês sabem, são escritores, entendedores de toda a etimologia que nos precede como linguagem. Enfim, esqueçam minhas digressões. O fato é que por alguma razão Tarso gosta de usar um perfume almiscarado que eu sou capaz de reconhecer de longe. E conforme avanço, a soma desses fragmentos vai constituindo um Tarso que só eu conheço. O timbre da voz, os odores, o farfalhar único que o ventrículo esquerdo faz ao atritar com a aorta descendente. E na iminência

desse encontro, eu já antecipo o toque, quando eu tomo minhas mãos nas dele. Gosto de passar os dedos delicadamente, subindo pelos braços antes de chegar aos ombros e depois ao rosto. No caminho, as pequenas cicatrizes são histórias em braille de uma infância destemida e célere. A queda de cima da árvore no quintal nos fundos da casa, uma bombinha apressada que estourara antes da hora, uma queda de bicicleta na rampa construída coletivamente com os outros meninos do bairro. Nessas horas meus dedos são como a agulha de um disco rígido procurando por informação, impulsos elétricos esperando para serem convertidos em crônicas registradas naquele corpo tênue de treze anos.

Finalmente o encontro. Está na sala de música. Reconheço o ciciar dos dedos ásperos contra as cordas graves do baixo. Ninguém toca como ele. Nesse momento, ou muito antes, minhas polifonias já estão em pleno diálogo com as de Tarso. Meu cânone literário em calorosos debates com seu panteão de grandes jazzistas. Aliteraões, digressões e figuras de linguagem em abraços lânguidos com formas sincopadas, polirritmias e improvisações. Somos Miles Hemingway, Franz Coltrane e Charlie Cortázar. Somos Truman Gillespie, Nina Lispector e Dizzy Rubião. Todo nosso amor é uma *blue note*, dissonante. E em meio a tudo e a todos, eu apenas paro e o sinto. Sei que ele sabe. Num êxtase contemplativo, que está muito além do que apenas ouvir, sinto ele tocar por toda a duração do intervalo de tempo de sua aula. Me apropriado da música que ele faz, seja com o baixo ou com a sua existência, reverberando em lugares que eu quase duvido existirem dentro de mim. Vibramos na mesma altura. E por hora, isso me basta. ◀

O menino e o vento

(E os seres de uma terra encantada)

Ricardo da Conceição.

(1974 -) Natural de Florianópolis. Filho do mecânico seo Alexandre e da dona de lar Maria das Graças. Criado em uma das comunidades do bairro Monte Cristo (Grota). Sua trajetória artística perpassa pelos grupos de rap DNA (90) e Realidade Suburbana (95). Junto de outros amigos, montou sua primeira banda de reggae Jama Jah (96). Em 2008 desenvolve um novo projeto musical com a banda MDG música urbana, com canções e videoclipes nas plataformas digitais. Autor do livro 'Um Punhado de Palavras', a ser publicado. É servidor público na prefeitura Municipal de Florianópolis.

Bruno Barbi. (1978 -)

Nascido em Toulouse/França, vive em Florianópolis desde 1980. É arquiteto de formação, dedica-se às artes visuais, procurando dar visibilidade à causa antirracista. Desde 2013, de forma independente, pinta rostos negros pelas ruas da cidade de Florianópolis/SC. (www.brunobarbi.com)

O menino e o vento,
Aquarela de Bruno Barbi.
Florianópolis-SC.



ERA UMA VEZ...

Uma terra encantada, onde todas as coisas que lá havia eram absurdamente magníficas e infinitamente inimagináveis em outro lugar. Árvores, plantas, animais dançavam misticamente, espontaneamente ao som de melodias misteriosas. Notas musicais desenhadas na imensidão de um céu cintilante, pois o Vento, sorridente, se propunha a cantarolar em seus assovios harmônicos, enquanto procurava um abrigo para repousar suas imensas asas de algodão, depois de uma longa e exaustiva viagem. Porém, trazia em seu caderno dourado anotações rabiscadas por uma linda caneta de pena dourada. Presente de um de seus melhores amigos: o Falcão Azul, igualmente viajante.

Em uma dessas suas anotações, algo chamou mais sua atenção, deixando o seu coração compadecido, apertado e triste. O Menino, que vivia a cerca de milhares de quilômetros daquela distante e encantada terra, não conhecia árvores, plantas e sequer tivera qualquer convívio ou contato com certos bichos em sua pouca vida. Seu mundo era outro.

Eletroeletrônicos, sofisticados computadores de plásticos e metais, com fios de fibras de lã de vidro, teclas e sensores infravermelhos. Brinquedos de todos os tipos, nada degradáveis biologicamente. Um mar de piscinas artificiais imitando a natureza. Um amontoado de casas, umas sobre as outras. Apartamentos. Prédios inteligentes, uma floresta de aço e concreto.

Diante desses fatos, no momento de leitura daquela anotação mais que especial e intrigante, gotas de cristais rolaram abundantemente, iguais flocos de neve pelo seu rosto, como se fosse a última pétala dando adeus a sua flor.

Convocou! Pedindo, educadamente, a todos os seres da Terra Encantada! Que transportassem um pouco

daquela magia para o lugar quase deserto em que o Menino morava. Sementes de várias plantas. Flores, árvores frutíferas foram selecionadas. Abelhas. Insetos. Pássaros se prontificaram a fazer parte desta grande e espetacular jornada. Tudo sob o olhar atento e afetuoso do vento, que organizava e armazenava cuidadosamente cada coisa em seu devido lugar, dispondo tudo nos vagões do trem voador. Num piscar de olhos, partiram na direção do portal que se abriu pelo sopro do seu comando.

Zás! Do alto do horizonte sem fim, iniciou-se a transformação na vida deste seu novo amigo. Sementes foram lançadas, deixadas, plantadas uma a uma em qualquer cantinho, tantinho de terra que havia em torno de onde habitava.

Como num sonho prestes a se realizar, o vento soprou em seus ouvidos notícias boas, alegres e animadoras. Mesmo sonolento, e ainda com seus olhos semicerrados e bocejando na manhã que já queria nascer, percebeu a mudança.

Ele sentiu um perfume agradável de flores invadindo o quarto, impregnando em seus cabelos. Ouviu e viu algumas borboletas cochichando do lado de fora da janela, deixada aberta na noite anterior.

Algo diferente, e espetacular, estava acontecendo nas imediações do seu lar. Cores, essências de borboletas, alfazemas e violetas. Sinais de vida à sua volta apareceram indescritivelmente. Assistiu sensivelmente emocionado, agradecendo e sorrindo com seus pequenos olhos iluminados.

Ao longe, não muito longe. O vento a tudo observava. Satisfeito e feliz, pôs-se a levantar voo, entendido que novas anotações haveria de fazer, em mais uma de suas viagens transformadoras mundo afora. ◀

Encontros

Clarmi Régis. (1943 -) Nasceu no Contestado (Campos Novos, SC), durante a Ditadura Vargas e a Segunda Guerra Mundial. Cresceu em Joaçaba, no Meio Oeste catarinense. Muito cedo, tornou-se professora, atividade que moldou sua vida. Encontrou seus alunos na escola regular pública e particular; em cursos preparatórios e de atualização para todos os níveis de ensino. É mestre em Literatura Brasileira e tem participações em jornais literários e coletâneas. Publicou o livro de contos “Sombras e silhuetas”(Edufsc). Mantém o blogpalavra.com.br, com dicas sobre redação.

QUEM?... SERENA?... NÃO... estás enganada. Eu estive com ela ontem ainda. Estava bem... Tristinha, mas estava bem, fazendo planos até. Só pode ter sido um acidente. Ela ama muito a vida, não iria se entregar assim.

* * *

Às margens do grande rio, a cidade se estende na região outrora conflagrada, as batalhas ainda repercutindo na vida dos que ali habitam.

Comum é acreditar-se que as almas dos milhares abatidos na contenda tenham-se apropriado das terras impedindo empresas de ali se instalarem e negócios se concretizarem. Há quem assegure ter visto repetidas vezes longas procissões de espíritos atravessando as noites – detendo-se apenas nos espaços não povoados a procurar seus corpos abandonados insepultos.

O passado para os que ali nasceram perdura no presente manchado de sangue e de tragédia: todos inocentes e todos culpados – a ignorância e a ambição servindo de argamassa para o drama. De uma luta desigual, desencadeada por interesses antagônicos, alimentada pelo medo, mantida tanto pela superstição como pela incompreensão e a prepotência, restou aos

sobreviventes e a sua descendência a tarefa de recomeçar. O recomeço, porém, faz-se ainda agora com a manutenção do medo e das desigualdades.

A cidade construída sobre os escombros revela espaços de sonhos: jardins cuidados, perfume de flores, casas acolhedoras. Nos pontos mais afastados, misturaram-se os forasteiros aos descendentes daqueles que sobreviveram ao massacre – em seus rostos marcados, a aceitação da fatalidade. Pouco esperam da vida; orgulham-se, no entanto, de sua história.

O isolamento destinado à região ajuda a manter nos moradores a superstição e os temores antigos. Restam a eles apenas essa fé mesclada de sombras e a confiança em seus próprios braços. Às vezes, nem isso: os corpos vergam derrubados pelo desânimo e pelas doenças, as dificuldades vencem a determinação. Os caminhos, poucos, estreitam-se na pobreza.

Com frequência, ao entardecer, quando se reúnem nas varandas após o desbaste dos pinheiros – um dos poucos trabalhos de que dispõem, as batalhas são re-acendidas e retomadas pela memória:

Meu avô foi um dos primeiros a acampar por aqui. Contava sempre que chegou num mês de setembro,

contratado pela empresa estrangeira para o corte dos pinheiros no lugar em que a ferrovia iria passar. As noites eram totalmente escuras; nada iluminava o chão ao redor do acampamento. Os animais que viviam no mato chegavam muito perto das barracas e todos se encolhiam de medo. Lembro, eu criança, meu avô repetir com o rosto assustado como se ainda estivesse a escutar: “- O berro da onça era tão alto que fazia até a alma do rio tremer”. Depois que tudo passou, ele foi ficando; já tinha família por aqui.

É ... foi tudo muito embaralhado. Todo mundo sofreu... Quando chegaram as tropas do governo, chegaram atirando pra todo lado. Acho que eles nem sabiam por que estavam lutando; vieram para exterminar.

Minha mãe era pequena e, mesmo depois de velha, ainda sofria quando se lembrava dos soldados. Numa noite, as famílias da vila foram avisadas de que eles estavam voltando – já tinham acabado com os fanáticos, não sobrou ninguém vivo. Na volta, iam destruindo os campos, atirando em tudo o que se mexia, gente, bicho, galho sacudido pelo vento. De noite, qualquer vulto recebia bala: até o cemitério aqui eles arrasaram pensando que eram rebeldes avançando.

Nesse dia, a família de minha mãe refugiou-se no celeiro, atrás dos sacos de mantimentos. Todos quietos para não chamar atenção. Uma das crianças começou a chorar, e minha bisavó foi até ela para acalmar. O cachorrinho, que tinham trazido junto, foi deitar no quentinho de onde ela tinha saído. Começou o tiroteio. Quando acabou, o jaguarinha tava morto, coberto de trigo do saco que a bala tinha atravessado.

Muitas famílias não tiveram a sorte de escapar...

É por isso que ainda estão por aí: não encontraram a paz, precisam saber o que aconteceu.

Serena tudo ouvia de olhos arregalados, num misto de espanto e orgulho. Criança ainda, os relatos nela se mesclavam com o cotidiano; o heroísmo de sua gente sofrida substituindo a magia das histórias de fada que

ninguém ali conhecia. Em seus sonhos, acompanhava as procissões do monge José Maria, cobria-se com os trajes rudes dos combatentes, empunhava armas em defesa da Santa Cruz.

Noutros momentos, buscava distanciar-se da tragédia, soltar-se com o vento, tornar-se imensidão! Olhos de menina presos no horizonte, invejava as borboletas...

* * *

Vinda do oeste, sombreada pelos ervateiros – facilmente distinguíveis por seu peculiar tom de verde –, a estrada de repente se distribui em novas direções. À esquerda, sobressai uma vegetação desordenada, em que blocos de árvores intocadas se alternam com grandes espaços cultivados. Mais adiante, a cobertura verde se precipita em fundos barrancos e se projeta no extenso vale – equilibrando nas encostas, aqui e ali, aglomerados de casas e quintais.

Bem abaixo, no fundo do vale, o caminho se bifurca: um deles margeia as águas do afluente que cruza a cidade e o acompanha em sua corrida até o grande rio borbulhante e misterioso; o outro atravessa uma pequena ponte e avança em direção ao centro da cidade.

O lado direito do rio abriga, em toda a sua extensão, a população de trabalhadores. O caminho ali traçado recolhe os passos daqueles que descem as encostas e os conduz a seus postos de trabalho na margem oposta. Lá, do outro lado, desenvolve-se a vida econômica e social da comunidade.

Progredindo em direção a esse centro, destacam-se, antes e logo após a ponte, bares, pequenos armazéns, açougues, sapatarias populares, oficinas, um posto de gasolina. Ali perto, em uma transversal, a cadeia pública.

Um modesto hotel, abrigado em sua simplicidade, encerra a sequência de pontos comerciais disponíveis a essa massa de trabalhadores.

A partir desse ponto, ruas dispostas em xadrez apresentam modernos edifícios, em estreita vizinhança com elegantes e bem-conservadas residências. Ali se encontram os hospitais, os clubes e as lojas elegantes; ali estão os escritórios, os bancos, a prefeitura; ali se resolvem os negócios, traçam-se os planos; ali se discutem os projetos e os destinos do município e de sua gente.

Essas ruas se estendem até encontrar, do outro lado de seu traçado, um novo pontilhão a proporcionar acesso à margem direita do rio. Nessa ponta, a construção austera da igreja católica, algumas escolas, diferentes estabelecimentos frutos de espíritos empreendedores marcam o ponto de encontro dos dois espaços e enlaçam seus interesses.

* * *

Como é mesmo o nome de sua família? A pergunta vinha acompanhada de um olhar perscrutador que varia suas vestes, seu corpo, o tom de sua pele.

Quando respondia, em voz baixa, Lima, já sabia o que se seguiria. O invariável *Ah!* vinha logo acompanhado pelo indefectível: *E o que faz seu pai? É funcionário das Estradas de Rodagem.* O *Ah!* agora se demorava, nasalando o *a* num demorado *ãhnnn* que não deixava dúvidas sobre a opinião do interlocutor a seu respeito. Acabava de ser catalogada em um dos subgrupos que formavam a população local. Sentia a estrela de David não costurada em sua manga, mas brilhando em sua testa, fazendo exalar de seus poros a marca da inferioridade.

Os olhos negros de Serena mantinham aquele quê de mistério que os fazia perceber a alma do interlocutor e, ao mesmo tempo, permitiam a ela mergulhar em seu mundo mágico habitado pelo presente e pelo passado insepulto dos antepassados. Aos poucos, tornara-se corpo. Percebera-se mulher. Aprendera a amar seu corpo vibrátil, a ler as emoções humanas nas curvas dos músculos, nas dobras da pele, nas expressões dos gestos.

Sentira sua carne pulsar na emoção repartida com seu igual, outra carne. A sua vida somara a vida de José. Com ele emalhar os sonhos, ousara mudanças, buscara horizontes. Juntos caminhavam: o riso fácil, as esperanças e os sucessos repartidos. Também nas tristezas se comunicavam. Serena aprendera a ler no seu silêncio. Nele descobria a palavra não dita, a vontade que queria esconder. Na simplicidade em que viviam, a solidariedade os fortalecia e a paz acompanhava as luzes em cada anoitecer.

* * *

Mais que as luzes do ambiente, as atenções de que era alvo ofuscavam-lhe a percepção. O ir-e-vir dos garçons, as taças de espumantes, a elegância dos trajes pareciam a ele elementos de uma cerimônia de iniciação que a sociedade estivesse a lhe oferecer em reconhecimento a seu valor como indivíduo e como profissional. Afinal, desde que se formara, vinha-se firmando como um nome respeitado na medicina.

As mulheres, ainda mais bonitas pela segurança com que encaminhavam seus passos e envolviam os presentes com olhares, criavam uma atmosfera de encanto hipnótico.

Foi então chamado por Giuseppe até um grupo de senhores para dar sua opinião a respeito de um novo tratamento oferecido no combate a uma enfermidade qualquer que naquele momento concentrava o debate.

No meio da discussão, sentiu-se tocado no braço pela esposa do Dr. Aureliano que lhe dizia sorrindo: *Quero que conheça minha filha.*

* * *

Serena percebia a gradativa mudança nas palavras e nos gestos de José. Situação para ela desconhecida, não sabia como reagir, apenas aguardava. Vivia agora em constante expectativa.

Repreendia-se por duvidar de José. Acusava-se de estar reagindo mal a seu sucesso profissional. Para não

dar espaço a temores injustificados, calava-se. Sentia-se escorregando numa atmosfera que a assustava. Seu mundo se realizava na simplicidade. Ignorava as pompas e os jogos impulsionados pela cobiça e pela vaidade. *Melhor nada dizer.*

Ele não a reconhecia: onde a mulher que nele despertara a paixão? Procurava nos olhos ensombrecidos o brilho que ele mesmo se encarregara de apagar. Tudo o que fora amor agora era urgência de afastá-la de sua vida.

Adelgaçavam-se as relações. Esgarçadas, terminariam por romper-se completamente. Essa percepção servia de justificativa para o progressivo afastamento e para a busca de novas emoções – tão facilmente encontradas nos ambientes por ele agora frequentados.

* * *

As palavras saíam de sua boca como chibatadas: secas, cortantes, desprovidas de compaixão. *Você precisa aceitar: devo ocupar meu lugar na sociedade. Reconheço que fomos felizes; mas você deve também reconhecer que nossos interesses já não são os mesmos, não podemos seguir o mesmo caminho. Depois, estou comprometido com o Dr. Aureliano: vamos ser sócios na nova clínica.*

A figura do rapaz pareceu-lhe estranha, delineando-se contra a luz que vinha da rua como se emergisse de um universo ao qual ela já não pertencia. Teria ela sido amada um dia?

* * *

O trabalho agora se encerrava: preparar muitas freguesas para o casamento do ano tinha exigido de toda a equipe um esforço maior que o usual. Serena trancou com cuidado a porta e entrou na escuridão da noite. Caminhar nas ruas silenciosas – ausentes os carros e os transeuntes, as casas fechadas – causava-lhe agradável sensação. Os vapores da noite dissolviam-se e se afastavam como sombras, deixando apenas um sentimento de ausência e solidão.

Atravessou a ponte em direção a sua casa numa das muitas pequenas ruas que subiam a encosta. Acostumada às temperaturas baixas, não a incomodava o frio que se concentrava nas pedras e nas paredes das casas e penetrava em seu corpo protegido por uma malha fina. Apressou o passo.

Seu pensamento voltou a lutar contra as imagens que teimavam em voltar: a igreja, a música, José esperando a noiva no altar. Precisava desligar-se, esquecer. Esquecer os momentos vividos, os planos feitos; deixar de lembrar o som de sua voz, o calor de sua pele; as juras de amor enunciadas com o olhar brilhante.

Conhecia agora que este amor nunca existira. Produto de sua profunda carência de afeto, a emoção projetara ilusões em seu espírito, criando a impressão de ser amada. Conseguir, finalmente, encarar essa verdade trazia-lhe a tão procurada sensação de liberdade. Tornava-se de novo inteira. Podia mais uma vez partir em busca do infinito. Assim como a esperança mantém a vida, a desesperança garante a sobrevivência e o recomeço.

Pior que o amor impossível é o amor que não se fez existência; semente nascida sem germen, de nada lhe aproveita a seiva.

Era urgente deixar fluir a dor, reencontrar-se, retomar-se, redescobrir o amanhã.

Serena deu duas voltas na chave, apanhou o frasco de sonífero na gaveta. Sentia pulsações em suas têmporas, a exaustão tomando-a inteira.

Preciso planejar, organizar-me, ... *mas não hoje, hoje não.* Hoje ela só queria dormir, esquecer.

O vento, fazendo dançar a neblina contra o vidro, projetava estranhos vultos na janela. ☾



De la cause de l'œuvre imprimée.

Premier chapitre.

Dur ce que la multitude des livres et la briefvete du temps et la foiblesse du meure ne sceussent pas les choses qui sont escriptes estre comprises ensemble en vng couuage ce m'est aduis a moy qui suis le

monidre de tous mes freres en sacre. Et ce puis ie scauoir en moy mesmes qui ay veu leu et retourne plusieurs livres p moult long temps assiduelement et curieusement. Et neantmoins par le conseil d'aulcuns de mes pl' souuerains et greigneurs aulcuns fle que iay esleues p mon petit enuie bien pou de tous les livres de nre foy catholique ou des livres payens.



Cláudia Simões. (1958 -) Gaúcha de nascimento, adotou Floripa por opção, onde foi professora na UFSC por décadas. Por deformação profissional, tornou-se “enformada”. Na aposentadoria está se especializando em “desenformação”, em como sair da fôrma por meio da palavra escrita, por acreditar que assim pode-se viver várias vidas, em qualquer lugar e tempo, em um ambiente criativo. Aprendendo, sempre.

Os infiltrados

O ato de escrever é uma sequela do ato de ler.
Moacyr Scliar

UMA MESA DE BAR, um bom uísque e um amigo disposto a jogar conversa fora, mas também a escutar, nos fazem perder a noção do tempo. Num desses encontros fortuitos, já com as ideias anuviadas de vapores etílicos, um velho amigo me vem com esta: “De onde surgiu essa possibilidade de alterar os caminhos da literatura ficcional?”. De muito longe, respondo eu, não só no tempo como também no espaço. E me des-trambelho a falar porque estou louca para contar o que fiquei sabendo recentemente e fui incumbida de divulgar.

No século 13, em plena Idade Média, havia um grupelho de indivíduos que eram o terror dos copistas, aqueles pobres homens, na maioria monges, que passavam a vida em lugares insalubres, mal acomodados, à luz de velas, copiando ou traduzindo livros; o que inclusive permitiu que várias obras raríssimas chegassem até nossos dias.

Entendi, disse meu interlocutor, mas o que estas criaturas faziam? Por que aterrorizavam os copistas?



Ilustrações na sequência:

Monge copista. p. 18 Miniatura do autor do livro, Vicente de Beauvais, dentro de uma borda contendo as armas de Eduardo IV, a quem este manuscrito pertenceu. Bruges, 1478 ~ 1480.

Titivillus. p. 19 Recorte da obra *Diego de la Cruz: Nossa Senhora das Mercês* (c. 1485). Burgos, Abadia de Santa María la Real de Las Huelgas, 1485.

Monge copista e Titivillus. p. 21 Ilustração sem data e sem local definido, encontrado na internet.

Bem, elas se infiltravam e alteravam o conteúdo dos trabalhos dos escribas, realizados durante meses, ou até mesmo, anos de dedicação. Sim, esses sujeitinhos inseriam erros nos trabalhos, sem o menor escrúpulo. Alteravam o conteúdo, modificavam o sentido das frases, e escapuliam sem deixar vestígios.

Mas de quem estás falando? Me pergunta o amigo já totalmente alcoolizado.

Ora, da gangue dos Titivillus, respondo eu. Aqueles pequenos demônios, conhecidos oficialmente desde 1285, pois estão documentados no *Tractus de Penitentia*, de John Galensis, e que trabalhavam em nome de Belfegor, Lúcifer ou Satanás.

O primeiro era um dos sete príncipes do inferno, que representa o pecado da preguiça, mas também é conhecido por ser o demônio das invenções, já que ele pode ajudar algumas pessoas a fazerem descobertas. O segundo é o mais famoso

dos sete anjos caídos, que ao cobiçarem maiores poderes, se entregaram às trevas e ao pecado e foram expulsos do paraíso. E o terceiro é conhecido por seu caráter opositor, de adversário, geralmente, personificando o mal nas religiões monoteístas.

Pronto, soltei a minha eloquência verbal para o pobre coitado do amigo, que já pedia desesperado outra garrafa para o garçom. Mas eles também eram capazes de outras maldades, continuei contando.

Eles provocavam nos oradores, principalmente durante os serviços religiosos, a má dicção, a murmuração ou a omissão de palavras, para que se pudesse imputar o inferno aos que ofendiam as práticas religiosas. Perversidade pura.

O pior, continuei, é que até hoje eles infernizam a vida dos editores, apesar de todos os avanços tecnológicos e do grande número de profissionais que revisam os manuscritos que serão publicados. Mesmo assim, eles conseguem se infiltrar e os erros tipográficos, de ortografia e de gramática estão aí, nos bilhões de livros físicos e digitais que comprovam seus feitos, para não falar de situações mais drásticas, que não posso contar. Me desculpa, mas só posso acrescentar que houve época em que eles foram muito mais numerosos, bem mais ágeis e maldosos, pois eles se divertiam muito com as aprontadas. E não me pergunta como fiquei sabendo dos “causos” que vou contar. Nem sob tortura, revelarei minhas fontes. Quer dizer, depende da tortura. Se me obrigarem a tomar uma garrafa do Macallan 1926, envelhecido por 60 anos em barricas de carvalho, até posso soltar a língua - afinal uma garrafa de uísque, que custa quase 2 milhões de euros, deve ser maravilhoso, e nos faz abrir a boca não só para beber, mas para contar alguns segredos também. Pois bem, elucubrações à parte, fui incumbida por “eles” de documentar algumas de suas incursões no mundo da literatura, e mostrar ao mundo o que “eles” fizeram. Fomos e ainda somos politicamente

incorretos, e queremos mostrar ao universo a nossa força e competência, me disse orgulhoso o chefe do grupo. E acreditem, vocês irão ficar pasmos em saber do que eles foram capazes de fazer. Então, prestem atenção no que eu já contei para o meu amigo e agora vou contar para vocês.

Originalmente, Romeu e Julieta estavam fadados a formar um casal perfeito, suas famílias seriam amíctissimas, sem rivalidades, daquelas que fazem churrasco aos domingos, tudo junto e misturado. Os pombinhos se casariam numa festa de arromba, criariam uma penca de italianinhos e envelheceriam juntos, até que a morte natural os separasse. Shakespeare estava escrevendo uma linda história de amor para atravessar os tempos e ser apreciada no mundo inteiro, em qualquer lugar, não importando o idioma. Tédio, disse um “deles”. E, pronto, se imiscuíram no texto e reescreveram a tragédia tal qual a conhecemos, enquanto o pobre William tirava uma soneca. Agora sim, uma história de amor das boas, cheia de confusões, digna de atravessar os séculos e ser cantada em verso, prosa, teatro, música, virar filme, ser pintada por famosos; ou seja, tornar-se um ícone da literatura e das artes.

Este foi um dos nossos melhores trabalhos, disse um Titivillus já bem velho. Ele foi ovacionado pelos colegas na sede secreta do Sindicato dos Titivillus, que é ilegal, quero dizer clandestina mesmo, todos batendo palmas e tomando grandes canecas de cerveja, enquanto eu tomava nota do que “eles” me contavam. Afinal, esta era a minha função, diga-se de passagem, não remunerada.

Outra das boas é o “causo” do Dom Casmurro. Até hoje, acho que o Bruxo do Cosme Velho não se recuperou do baque advindo da presepada que os Titivillus fizeram para ele, e deve se remoer na tumba como se estivesse com sarna. A ideia original do Machado de Assis era deixar bem claro que Dona Capitolina (vulgo Capitu) traiu, sim, seu digníssimo marido

Bento Santiago (vulgo Bentinho). E o suposto filho deles (Ezequiel), sim senhora, era descaradamente e sem remorsos, filho do Escobar (o melhor amigo do Bento, desde os tempos do seminário). Machado estava trabalhando na narrativa do poder destrutivo de uma traição e suas conseqüências na vida dos envolvidos, talvez até chegando, em outras gerações, nos meados do século XX, quase tipo ficção científica. Mas aí, “eles” não gostaram desta vergonha deslavada, tudo muito às claras, muito modernoso e, enquanto o Bruxo se recuperava de uma crise de epilepsia, descansando na serra fluminense, eles foram lá, adentraram no manuscrito, fizeram o trabalho sujo de sempre, e *voilà*. Até hoje, a dúvida nos corrói, geração após geração. Capitu traiu Bentinho? O que se sabe é que Bentinho se transformou no amargo Dom Casmurro, Capitu morreu sozinha no exterior, pai e filho nunca reataram, e Ezequiel faleceu de febre tifoide. Isso sim, uma obra-prima, me disse novamente o chefe da milícia titivilliana. Graças a nós, Dom Casmurro é hoje um marco na literatura brasileira, conhecida no mundo todo, estudado em todas as Universidades nacionais e estrangeiras. Com um sorriso meio amarelo, tive que concordar.

Tenho muitos outros “causos” para contar, mas o tempo é curto, quero dizer, o número de palavras que eu poderia escrever já está no limite e vou ter que dar um desfecho. Então aqui vai um relato bem rapidinho, mas esse não foram “eles” que me contaram. Fiquei sabendo por aí que o Machado, de novo o de Assis, quase enlouqueceu quando soube de um pequeno grande detalhe na primeira edição das suas “Poesias Completas”, publicadas pela famosa Editora Garnier, em Paris. Nesta primeira edição, de 1901, “alguém” conseguiu se infiltrar no momento da impressão dos exemplares e, onde estava a expressão “cegara o juízo”, um Titivillus parisiense muito do safado trocou as vogais e saiu impresso “cagara o

juízo”. Dizem que o Machado ficou alucinado e corrigiu o erro, à mão, livro por livro, mas alguns exemplares já tinham sido vendidos, e esses com o tal erro foram (ou ainda são) comercializados a peso de ouro no mercado de livros raros. Se quiserem saber mais sobre este “causo”, procurem se informar porque às vezes a gente pode comprar coelho por lebre. E se isso é verdade, “não sei, só sei que foi assim”, como diria Zé Grilo, rindo abraçado com Chicó, que bem lembra um pequeno Titivillus. Pois então, Suassuna sempre à frente do seu tempo.

A essas alturas, meu amigo já roncava debruçado na mesa e vocês devem estar entediados com minhas historietas. Não sei se ele escutou tudo o que contei, nem se vai se lembrar depois, por isso resolvi escrever, para eu não me esquecer. ☪





PARTIDO REPUBLICANO PARAMENSE



16-dt

Ao amigo e correligionario
Hiroichi Takashima

como Homenagem ao Eminente Chefe
Supremo do Partido

Dr. Affonso Alves de Camargo

offerece

Leite Francisco

Antonina, 15 de Fevereiro de 1930.

Canção de Ninar

Aline Takashima. (1990 -) *Jornalista, formada pela Universidade Federal de Santa Catarina. Escreveu reportagens para revistas femininas como CLAUDIA, Marie Claire e Casa Vogue. Atualmente colabora para o Portal UOL.*

TODAS AS NOITES, meu Ditchan sentava ao lado da minha cama, dobrava os lençóis na altura do meu pescoço e cantarolava uma música de ninar em japonês, enquanto escorregava seu dedo na minha testa até a ponta do nariz. Ele não lembrava mais da língua dos ancestrais, mas improvisava, certamente tentado se aproximar dos gestos da sua mãe, da sua avó e de muitas gerações que foram ninadas com o mesmo som. O ritual noturno durou até minhas pernas crescerem o suficiente para dormir em uma cama maior, feita para adultos.

A melodia inconfundível me fez descobrir, quinze anos depois, a música original. O achado foi ao acaso. Dentre tantas páginas na internet, encontrei no mês passado o tesouro que acompanhou a infância da minha família. “Oh bong, bong, bong, lá, lá, lá...”, cantada pelo meu avô, se chama Itsuki no Komoriuta, algo como a Canção de Ninar de Itsuki. É uma cantiga popular da Vila de Itsuki, na ilha Kyushu, no oeste do Japão.

A música foi criada no período Meiji, quando o país atravessou por um processo de modernização e abertura econômica ao Ocidente, sob o comando do monarca Mutsushito. “Se o verão chegar mais cedo, eu poderei voltar para casa logo”, cantavam as garotas camponesas que trabalhavam como babás nas casas das famílias ricas, no século XIX.

Quando as notas musicais evocaram os sons da minha infância, tratei de ligar ao meu Ditchan e compartilhar o tesouro. “A-li-nee-ee que-ri-daaa, como você encontrou? É essa música que minha mãe cantava.” Para os padrões orientais, meu avô é

um gigante. Com quase dois metros de altura, ele entra e sai de casa carregando pedras de tamanhos variados para montar seu jardim de inverno. No meio das plantas e flores, criou uma cachoeira artificial. Gosta de trabalhos manuais que exigem paciência e persistência.

A mãe dele, Fuzi Hara Takashima, veio ao Brasil em 1910, ainda menina. Seus pais permaneceram no Japão com a sua irmã gêmea, enquanto ela atravessou o Oceano Pacífico com os tios, em uma viagem que durou dois meses, sem chance de regresso. Por conta do exílio forçado, ela cantava, assim como as babás camponesas, a canção melancólica: “Mesmo se eu morrer, quem irá chorar por mim? / Atrás da casa na colina de pinheiro no máximo / as cigarras irão piar”.

Em 18 de junho de 1908, às 9h30, os primeiros 781 japoneses chegaram ao Brasil, a bordo do navio Kasato-Maru. Cerca de 161 famílias com os olhos puxados, cabelos lisos, rosto achatado e estrutura miúda desembarcaram no cais no 4 do Porto de Santos, causando espanto aos brasileiros acostumados com figuras europeias e negras. O êxodo continuou até a eclosão da II Guerra Mundial, em 1941, somando 188.986 imigrantes.



Foto do arquivo pessoal de Aline Takashima.

Nas fazendas de café, a realidade contrastava com a expectativa dos japoneses. Eles foram morar nas antigas senzalas de barro ou madeira construídas para os escravos negros. Não havia piso, móveis ou paredes divisórias. Tampouco água ou instalações sanitárias. A comida era vendida por um valor exorbitante. Ao lembrar dos alimentos em sua terra natal, o estômago se contraía e uma saudade aterradora os invadia. Os japoneses consumiam grãos, como milho e arroz; leguminosas, especialmente soja; e animais e vegetais do mar, como os peixes e algas. Os armazéns no Brasil ofereciam arroz de sequeiro, feijão, milho, carne ou bacalhau seco, itens que os imigrantes não gostavam e mal sabiam preparar.

Em 1917, meu bisavô, Hiroichi Takashima, veio ao Brasil para visitar uma irmã. Ele trazia consigo uma câmera fotográfica, presente do seu pai. “Filho, caso você não goste de lá, vende essa máquina e volta pra casa”, aconselhou meu trisavô. No interior de São Paulo, ele conheceu Fuzi e se apaixonou. Não vendeu a câmera. Casaram-se e tiveram dez filhos, todos ninados ao som de Itsuki no Komoriuta. “Não só as cigarras chorariam com a minha morte/ mas também a minha irmã/ não chore, eu me preocupo com você”, sussurrava minha bisavó acariciando os cabelos escorridos das crianças.

Após quatro gerações e 97 anos, meu pai visitou a terra dos ancestrais. No Japão, ele percebeu o contraste entre os arranha-céus de Tokyo e as casas tradicionais, simples e ao mesmo tempo refinadas, com seus painéis corrediços de madeira e jardins internos; os homens engravatados a caminho do trabalho e as senhoras que andam de kimono e geta, típicas sandálias de madeira com meia. No café da manhã, comeu udon, macarrão de trigo branco, que a sua mãe preparava na infância. Visitou templos budistas, dormiu em tatame e tomou banho no ofurô. Ele não cruzou os mares, como meus bisavôs, mas riscou o céu em busca de algo. Acabou se encontrando. ◀



Carlos Nogueira (1988 -) Nasceu em Aracaju (SE). Formado em Comunicação Social pela Universidade Federal de Goiás (UFG), trabalha no Tribunal Regional do Trabalho de Santa Catarina (TRT-SC). Como poeta, foi premiado em diversos concursos literários nacionais, sendo publicado na antologia do I Prêmio de Literatura do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), em 2016. Publicou o livro de poemas “Amar sem advérbios”, em 2018, pela Tripous Edições, de Florianópolis.
Instagram: @carlosnogueira88

Tédio

DIA DESSES, em busca de algo para assistir, passei quase uma hora zapeando por entre os dois *streamings* de filmes que assinamos aqui em casa. Insatisfeito com as opções, desisti. Não que o meu gosto cinematográfico seja tão refinado ao ponto de dispensar os milhares de títulos ali disponíveis, mas é que o receio de fazer uma escolha ruim foi mais forte que o ímpeto de arriscar.

Em meio ao tédio da situação, me veio à mente um episódio que vivenciei durante a infância, na época em que a gente ainda não possuía televisão em casa. Pelo menos não até aquele dia, quando o meu pai chegou com uma caixa de sapato vazia, um pacote de farinha — que usaríamos para fazer cola caseira —, e dois palitos de churrasco. Juntou-se ainda aos ingredientes um gibi antigo. E, após colar as páginas umas nas outras — criando as “cenas” —, estaria pronta a minha TV de brinquedo. Para fazê-la funcionar, bastava girar os palitos atravessados nas laterais da caixa.

O primeiro “filme” permaneceu em cartaz durante dias, repetia tanto que parecia programação de canal por assinatura. Quando quis variar, refiz o mesmo procedimento com outro gibi. Das vezes seguintes até me arrisquei a roteirista: colando as páginas em sequências diferentes da original. Naquela caixa, de trinta centímetros de comprimento por quinze de altura, cabia algo muito maior do que qualquer catálogo de *streaming*.

De volta aos trinta e poucos anos — e diante da “smart” TV —, finalmente me dei conta do óbvio: aquilo a que chamamos tédio pouco tem a ver com a quantidade de recursos disponíveis.

Às vezes, é só o nome que damos à saudade de fantasiar.

O ovo do gambá

NOITE DESSAS, enquanto eu percorria com os olhos o quintal, perguntei para minha esposa se ela sabia por que havia um ovo perdido lá no meio. “É do gambá”, ela respondeu, sem nem mesmo precisar pensar. Diante da resposta inusitada, consultei rapidamente os meus parcos conhecimentos em biologia, até ter certeza de que gambá era um mamífero... e que mamíferos não põem ovos. Quero dizer: a não ser os ornitorrincos, as equidnas e os coelhos — esses últimos o fazem apenas durante a Páscoa. Mas... gambá? Nunca ouvi falar!

Em seguida, pedi mais informações sobre o fato, crente de que algum milagre da natureza me seria contado. A explicação era mais simples do que imaginei, mas isso não impediu que eu ficasse comovido. Aquele ovo cozido no meio do quintal havia sido preparado por ela própria, para o gambá que vez ou outra aparece por aqui. Também era dele a marmita embaixo da árvore, composta por folhas de repolho e pedacinhos de maçã. Tudo isso fora preparado cuidadosamente para o paladar do bicho, “com base em pesquisas no Google”, confessou.

Ela sempre me surpreende com a forma com que trata os animais. Desde a capacidade de ficar a noite inteira na mesma posição, apenas para não incomodar um dos gatos que decidi se deitar em suas pernas naquela noite, até o cuidado com que desvira os besouros que estão sofrendo de costas para o chão. Quando assistimos a um filme, então, basta morrer um animal pra que todo o resto deixe de prestar: de nada adianta a obra ter ganho cinco Oscars. Para ela, valioso mesmo é o cuidado com os bichos (categoria de prêmio que deveria existir).

Ela tem amor à vida. Não aquele hedonista, que se refere apenas à própria existência, e que cabe no slogan *carpe diem*. Falo do amor a todas as manifestações de vida possíveis. E, ao dizer todas, não uso hipérbole: ela fala até com as flores. Pior: pela maneira como o diálogo se desenrola, acho que é respondida.

E é ali, no amor, sem pedir nada em troca, que o milagre mora. Milagre até maior do que gambá botar ovo. ☪



Reflexo.

Fotografia por Cyntia Silva. Florianópolis-SC, 2021.

A neta preferida

Maria Beatriz Vieira da Silva Gubert. (1966 -) *É natural de Florianópolis/SC, onde é Juíza do Trabalho. Filha da professora de português Maria das Dores que, desde pequena, lhe ensinou a amar os livros, o vernáculo e as histórias. Aprendiz de cronista do cotidiano e das salas de audiência, tenta trazer para o papel os dramas humanos e sociais, como o do seu Manoel e sua neta.*



Ponte rompida.

*Fotografia por Cyntia Silva.
Barra de São João-RJ, 2017.*

- **E, O PIOR, DOUTORA**, é que eu a ajudei muito. Ela também me ajudou a fazer salgadinhos. Mas ela ajudava como neta; e eu, em troca, ajudava como avô!

Era a terceira audiência do dia e, mais uma vez, deparava-me com um processo que misturava verbas trabalhistas e laços familiares. Naquele dia, chamou-me atenção aquele senhorzinho de aproximados 70 anos, de expressão triste e desalentada, sentado no espaço destinado ao empregador.

Do outro lado da mesa, a reclamante, neta do senhorzinho idoso, uma jovem de 19 anos, acompanhada do namorado, postulava o reconhecimento do vínculo de emprego com o avô e as verbas trabalhistas decorrentes.

Ele tinha um pequeno negócio em que fazia salgadinhos sob encomenda.

Ela, a neta, tinha acabado o ensino médio e, sem perspectiva de emprego, foi ajudar o avô no negócio, o qual, em contrapartida, pagava a ela pequenos valores em troca.

Nesse meio tempo, ela arrumou um namorado, e o resto da história é sabida: de neta, passou à empregada. Ele, de avô, passara a patrão.

Ações entre familiares são sempre difíceis e tristes. Porém, envolvendo avós e netos são, além de tudo, cruéis.

Este tipo de processo tem me feito refletir a respeito de quão doente e cruel a nossa sociedade está.

Filho litigando contra mãe, irmão contra irmã, sobrinho contra tio, neto contra avó Onde terminam os laços familiares e começa a ganância? Em que ponto as pessoas deixam de conversar, assumir suas culpas e responsabilidades e terceirizam a um juiz o poder de resolver um conflito familiar? E, pior, tentam transmudá-lo para trabalhista? Qual o papel dos juízes nessa história? Como restaurar uma relação que é para ser de amor, gratidão, momentos felizes?

Afinal, isso é papel de juiz ou de psicólogo?

Perguntei para a neta quanto pretendia na ação.

- Cinco mil reais resolvem a “humilhação” que passei, doutora.

Perguntei que humilhação tinha sido essa, e ela respondeu:

- Ora, a humilhação de trabalhar “sem carteira assinada e sem receber meus direitos trabalhistas” (coincidentemente, as mesmas palavras usadas na inicial).

Pensei com meus botões: e avô agora tem que assinar carteira de trabalho de neta? Desde quando?

A tristeza pairava na sala de audiências. O clima era pesado e melancólico.

Fiquei pensando em como uma sala de audiências pode ser surpreendente ao revelar tantos detalhes da alma humana, tanto a luz quanto as sombras.

Era evidente que eu estava por me deparar com as sombras, e enquanto me emocionava pensando em como aquele avô devia ter cuidado daquela menina sem saber o que o futuro lhe reservava, tive meus pensamentos interrompidos por um sopro de voz, pedindo licença para falar.

Era o avô, que até então mantinha-se quieto, cabisbaixo e envergonhado. Um senhor magro, aparência triste e cansada, com sinais visíveis do tempo que lhe conferiam muito mais idade do que os seus aproximados 70 anos.

Perguntei-me como teria sido sua vida, ao mesmo tempo em que olhava para a menina, sua neta, na flor da juventude, pele brilhante e viçosa, que, cheia de si, bradava a humilhação sofrida.

Quantos contrastes, quanta diferença!

Enquanto meus devaneios afloravam, Seu Manoel, o avô, me olhou e com expressão devastada, assim falou:

- Doutora, nos ajude! Eu preciso de sua ajuda, quero apenas terminar com tudo isso e voltar para a minha casa. Eu não queria estar aqui; minha filha pode testemunhar que eu apenas ajudei a minha neta para que ela tivesse uma ocupação. Ela sempre foi a minha neta preferida, a mais carinhosa, a mais amorosa – e isso é que dói. Ela não era minha funcionária, era a minha menina, era a minha netinha!

O silêncio que se seguiu a essas palavras foi ensurdecedor.

Ninguém ousava dizer uma palavra após essa confissão tão dolorosa.

A filha, que acompanhava o avô na sala que, por sua vez, vinha a ser a mãe da autora da ação, chorava copiosamente. Estava ali como testemunha do seu pai, avô da autora, e ali decidi que não, eu não queria ouvi-la.

Aliás, eu sequer gostaria de estar ali.

Não era certo um juiz presenciar e, pior, ter que resolver um conflito que deveria ser resolvido na sala da casa da família Souza, e não na sala de audiências de um Fórum Trabalhista.

Mas eu não podia ignorar aquela súplica do Seu Manoel.

E, depois de muita conversa, conselhos dirigidos à neta e confidências ouvidas, consegui conciliar o feito, não pelo valor proposto pela neta, mas pelo valor sugerido pelo avô, que, embora negasse o vínculo, ainda assim queria ajudar “sua menina”, porque sabia que ela estava passando por dificuldades.

O processo foi solucionado.

Mas e aquela relação entre o avô e a neta preferida? É certo que relações familiares podem se transformar em trabalhistas, mas não menos certo é que não são meramente trabalhistas. Nunca um avô será um mero patrão de uma neta. Jamais uma neta será mera funcionária.

Não é esta sequer a questão, mas o porquê de o Judiciário Trabalhista estar sobrecarregado de questões assim. Não é um fato isolado. Está faltando diálogo, empatia, compaixão e amor na sociedade.

Qual o papel do juiz nessa história?

Essa pergunta me acompanha vida afora, mas em processos como o do seu Manoel, vi que toda a minha experiência de muitos anos em sala de audiência, conhecimento jurídico, doutrina, jurisprudência, nada disso me auxiliaria a resolver o processo.

Auxiliou-me a empatia, o afeto e o acolhimento – virtudes que, aliás, cada vez mais, os juízes, especialmente os do trabalho, devem tentar desenvolver.

A reclamante ainda ouviu de mim uma lição a respeito da importância da família e da gratidão e amor aos ascendentes.

Ela saiu da audiência com lágrimas nos olhos. Se aprenderá alguma lição, só o tempo dirá.

Seu Manoel, por sua vez, tal como entrou, saiu triste e cabisbaixo. Seu último olhar a mim dirigido, quando saía da sala, entre profundamente triste e agradecido, ainda está nas minhas lembranças desse dia que, definitivamente, não foi mais um simples dia no Fórum.

Saí para me recompor, porque a pauta ainda seguia, e um pensamento insistente me acompanhava (e me acompanha): não é fácil ser juiz. ☪

Colagem.

Ilustrado por de André Costa,
São Paulo-SP, 2021.



Cyntia Silva. (1966 -) *Brasiliense, professora de Língua Portuguesa há três décadas e fundadora da Oficina da Palavra há 11 anos. É apaixonada por palavras e busca inspiração na poesia, na música, no cinema, na fotografia e nas artes plásticas.*

André Costa. (1978 -) *Designer gráfico, nascido em Osasco/SP, apaixonado por tipografia, trabalha com criação de identidade visual e sinalização para prefeituras.*

A cidade na cidade

SETE DA MANHÃ.

Esbaforida, ela entra no carro do motorista de aplicativo.

- As ruas estão paradas, moça, faço o caminho mais rápido?
- Sim, estou atrasada para o trabalho.

Sobem por labirintos rumo ao céu.

Um vendedor de ilusões narcóticas está sentado em um resto de sofá, sob um poste na esquina, como guardião do portal.

As pessoas caminham por entre casas empilhadas sem se preocupar com a pressa da vida lá embaixo.

Uma cidade dentro da cidade.

O outono no Trópico de Capricórnio traz um cheiro de alegria melancólica e ela não tem a menor ideia de onde está.

Iniciam a descida.

A cidade taylorizada ressurge junto com trânsito lento e buzinas.

Ela retoma sua vidinha burocrática...

O desejo de fugir das engrenagens a faz querer viver no lugar onde a vida segue em câmera lenta. ☾

Marcio Markendorf. (1981 -) É professor, pesquisador e escritor. Publicou a novela “Soy loca, Lorca, feito um chien no chão” (Urutau, 2019) e o livro de mininarrativas, em parceria com Adriano Salvi, “Microcontando” (Caiaponte Edições, 2019). Dedicou-se à escrita e difusão da microliteratura em sua conta no Instagram (@microliteratura).

Izabela Drozdowska-Broering. Professora, pesquisadora e tradutora. Escritora de prosa em polonês e português.



Ilustração “Sem título” de Izabela Drozdowska-Broering.

in-correspondências

après ana cristina cesar

MY DEAR [1],

escrevo com ares de correspondência imprópria, carta sem selo ou carimbo de correio, meio desconfiado, olhar enviesado. e, sim, escrevo como quem mente, quem finge estar na frente, mas está a dois passos atrás de tudo. me adivinhe pelos rastros, eu digo, daí você bem sabe o que é mentira cifrada, decifrada nos interstícios da palavra: flores de acanto, gregos gatos miam no canto do muro, enquanto mulheres sedutoras engolem de pronto tantos encantos, acantos e gatos. entendeu? jogos infantis, o nosso jogo, meio amarelinha, um salto, um corpo a corpo suado. mudando do saco, as malas. hoje chove. faz frio lá fora, aqui dentro o apartamento também é gelado, me dá vontades de leite quente & cobertor derramado & deitar do teu lado. leão ascendente em peixes, combina? tudo meio simbólico, talvez periclitante, o perigo de patas e de águas saborosas. quem sabe nem tão perigoso, se for mais de perto, ou mais doce, como bocas-de-leão, tão coloridas, aguadas com saliva de beijo e de beija-flor. o que a distância não faz: te altero tanto assim? que bom ser o primeiro, ainda mais por você que já me vira do avesso. me escuta: te quero, mas não leia o que escrevo, entenda é o que eu sinto, mais perto, bem perto, aqui do lado, no coração.

post scriptum: estou um chato de galochas, não um gato de botas, mas te escrever me muda o tom.

my dear [2].

tenho recebido terrores noturnos, um sopro de fantasmas e espectros, um futuro cheio de musgos e vacilos: ninguém atravessa a ponte. um deus lunar ou marinho me sublinha, incorpora meus desejos. e me preocupa: depois do sono quem vai traduzir meu corpo em texto e meu texto em língua de corpo de volta? me lambe, por favor. tal correspondência, qual destinatário. eu invento muito, muito mesmo, me desculpe. e sinto muito pelos engasgos e as meias-verdades. nunca se diz tudo, sabia? para confessar direitinho tem que ficar de joelhos, coisa que eu não faço. eu escrevo em pé ou sentado, nunca querendo rezar uma ave-maria, contando envergonhado os pecados ao padre. mas espera, quero te dizer: não demora para voltar [estou dizendo isso há oito dias, eu sei: mas uma linha temporal partida precisa ser revivida com exatidão?]. foi culpa desse temporal, que me deixou sem fala: fios, raios, sem rádio. o fluxo no espaço-tempo é capcioso, meio cápsula também, que me enrola e lança para o futuro. onde estará você e onde estarei eu? deixa passar o que for vendaval e sonho mau, entra nesse túnel comigo, vamos ver onde vai dar. espero que de mãos dadas, bocas entrelaçadas. seguem beijos estalados.

my dear [3],

esse navio é meu corpo: ele cospe fumaça, gira as pás no lá embaixo da água, avança: um barco bêbado, não um navio-fantasma, não um navio-neblina. um navio-corpo meio perdido, desmembrado, desencouraçado se é de coração que se fazem rebites. navego nessa noite, que é meu medo, nem vejo torres de luz, pavilhões, mirantes, só esse convés meio gasto, cheio de betume, veneno, escuro e friagem. que espera experimento entre o cais e o navio, quanta saudades mareadas entre o atracar e o me perder no teu porto, na tua boca. mil línguas submarinas lambem o casco dessa nau, águas-vivas, arraiais seguem de longe os rastros dessa madeira. preciso trabalhar muito para afundar os desejos de você como quem afunda velhos navios, embora eu precise, como tantos lobos do mar, ficar e morrer. ou quem sabe, não tão dramático, o sol se levante da baía, as âncoras interrompam essa viagem sem norte. e os botes, vindos de não sei que terra, encostem nas escadas de corda e tragam você para o assoalho da minha pelve.

my dear [4],

o que eu escrevo é verdade, mas não é verdade de verdade. às vezes é verdade mentirosa, às vezes mentira verdadeira. olha bem pras minhas cartas, me enxerga por trás da letra, percebe meu corpo no contorno do olho, passado à lápis. assim você me descobre, embora tenha que ir fundo no que não digo. fico bem quietinho, te mostro os rascunhos e as rasuras, te mando telegramas com palavras comidas, tão caras e não ditas. eu não te engano, você que se engana com o que falo. desencontros: me encontra depois do ponto. final.

beijos de.

xx ☾

Conto roteiro

Roberto Panarotto. (1972 -) Graduado em Letras e pós-graduado em Estética e Arte, e Tecnologia. É co-fundador da banda Repolho (1991) e também da dupla Irmãos Panarotto (2000). É sócio proprietário do Estúdio Alice (de design) desde 2007 e professor na Unochapecó, desde 2006, nos cursos de Audiovisual e Publicidade e Propaganda. Como diretor de cinema, produziu 7 videoclipes e 3 média-metragens. Tem na fotografia um passatempo. Instagram: @panarotto

TÍTULO: CONTO ROTEIRO - ROBERTO PANAROTTO

STORYLINE:

Em uma tarde livre, em meio a um evento na EICTV em Cuba, Roberto decide passar algumas horas em San Antonio de Los Baños.

ARGUMENTO:

Roberto Panarotto foi convidado por Sabrina Zimmermann para apresentar uma proposta de roteiro para um longa metragem no evento 11 Nuevas Miradas (2017), na EICTV, em Cuba. Foram dez dias que Roberto passou na escola, tendo aulas, palestras entre outras atividades de integração. Numa das tardes livres, Roberto foi a San Antonio de Los Baños, que fica a cerca de 8 km da escola. Algumas poucas horas, algumas percepções em frames que se transformaram num outro projeto.

ROTEIRO:

GENA 01 - EXTERNO - DIA - UMA PORTA

CRÉDITO COM O TÍTULO DO FILME SOBRE A IMAGEM: Conchas y Reflejos por Roberto Panarotto

CORTA PARA

FUNDO ESCURO COM A FRASE:

“por el mismo camino circula gente de todo tipo”



GENA 02 - INTERNO - DIA - HOMEM VELHO SENTADO.

CONTRAPLANO - INTERNO - DIA - HOMEM VELHO SENTADO.



GENA 03 - EXTERNO - DIA - O LADO DE CÁ DE UMA PEQUENA VENDA.

CONTRAPLANO - INTERNO - DIA - A LIBERDADE DE IR E VIR





**CENA 04 - EXTERNO - DIA -
MULHER VELHA REFLETINDO**

**CENA 05 - EXTERNO - DIA -
FACHADA DE UMA LIVRARIA**

CONTRAPLANO - INTERNO - DIA -
DA LIVRARIA SE AVISTA PRAÇA.



**CENA 06 - EXTERNO - BAR - VELHO
ATENDIDO POR HOMEM VELHO**



**GENA 07 - EXTERNO - AINDA
DIA - VISÃO COMPROMETIDA**



**GENA 08 - EXTERNO - DIA -
PAREDE COM FRASE.**

CRÉDITOS FINAIS

Roteiro, imagens e direção
por Roberto Panarotto

Tratamento das imagens:
Eduardo Chagas. «



Resenhas & Ensaaios

CHLOÉ CRUCHAUDET
DEGENERADO

INSPIRADO NO LIVRO *LA GARÇONNE ET L'ASSASSIN*,
DE FABRICE VIRGILI & DANIELE VOLDMAN



Degenerado, Aprendendo a cair e Solidão.

Piu Gomes. (1965 -) Cineasta e jornalista, formado pela Universidade de Brasília-DF. Contar histórias é seu ofício e seu deleite.



DEGENERADO

Mikael Ross

192 páginas

REALIDADE E FICÇÃO SE MISTURAM em três HQ's da editora Nemo. Em diferentes graus, Degenerado, de Chloé Cruchaudet, Aprendendo a Cair, de Mikael Ross, e A Solidão de um Quadrinho Sem Fim, de Adrian Tomine, se inspiram em fatos reais para criar narrativas gráficas que buscam envolver o leitor.

Tomine constrói um relato autobiográfico em A Solidão. Depois de um

prólogo onde vemos que sua paixão por quadrinhos vem da infância, acompanhamos sua trajetória na indústria dos comics norte-americanos. As primeiras convenções, sessões de autógrafos e principalmente as críticas - com as quais não lida muito bem - são retratadas de maneira sincera e cáustica, e acompanhamos seu crescimento pessoal a partir de suas experiências profissionais. Pequenas aparições de autores consagrados, como Neil Gaiman e Frank Miller, servem para que Adrian revele o lado nada glamouroso do ofício. Publicado como um

MIKAEL ROSS

APRENDENDO A CAIR





APRENDENDO A CAIR

Mikael Ross
128 páginas

caderno de rascunhos, com fitilho e elástico, A Solidão traz uma arte despojada em P&B, quase um cartoon, onde apenas hachuras contrastam com a simplicidade do traço e da diagramação.

Aprendendo a Cair é uma história criada para comemorar o 150º aniversário da Fundação Evangélica Neuerkerode, uma instituição alemã dedicada a pessoas com deficiência, que sobreviveu até ao horror nazista, como ilustra uma passagem da história. Nela conhecemos Noel, um jovem com necessidades especiais cuja vida se transforma após sua mãe sofrer um acidente. Ele vai viver em uma vila que leva o nome da fundação e onde a população, quase toda também portadora de necessidades, vive com uma autonomia sem precedentes.

A arte de Mikael Ross surpreende pelo contraste entre a ingenuidade na caracterização dos personagens e suas expressões, que também flertam com o cartoon, e o elaborado uso da cor e do

claro-escuro na composição dos quadros. Na diagramação funcional que explode por dois momentos em páginas inteiras, acompanhamos o amadurecimento de Noel e seus novos amigos, incluindo as primeiras paixões e o despertar da sexualidade. Com muita leveza, humor e algumas passagens oníricas e melancólicas, é impossível não se encantar com a trama, que levou o Max und Moritz, principal prêmio alemão do gênero.

A cereja do bolo, porém, é Degenerado. Inspirada num livro que descobriu o caso real de um desertor francês da Primeira Guerra, Chloé Cruchaudet construiu uma obra fascinante, cujo roteiro preencheu os espaços que a pesquisa histórica deixou com técnicas narrativas dignas das séries mais aclamadas do streaming, abordando questões contemporâneas como gênero, sexualidade e relacionamentos abusivos.

Paul Grappe e Louise Landy são dois jovens que se apaixonam e casam-se às vésperas da guerra, para onde Paul é enviado logo em seguida. A experiência nas trincheiras é traumática e, após um ferimento sério, ele é enviado a um hospital, onde estadia até ser convocado novamente. Ele decide desertar, mas o risco de ser pego e fuzilado implica em um confinamento no apartamento de Louise. O temperamento libertário de Paul não suporta essa prisão, e para sair às ruas a solução é se disfarçar de mulher. Suas vidas sofrem uma reviravolta que terminará nos tribunais.

Segundo os autores do livro original, Chloé soube preencher com maestria os vazios deixados pela realidade. Ela se apossou dos personagens e trouxe personalidade aos diálogos, além de tomar decisões onde os documentos faltaram: a lesão de Paul na

DO
AUTOR DO
BEST-SELLER
DO NEW
YORK TIMES
INTRUSOS

ADRIAN TOMINE

A SOLIDÃO DE UM
QUADRINHO SEM FIM





guerra foi real ou automutilação? Ele era mesmo bissexual?

Tudo isso embalado por uma arte primorosa, seguindo a linha belga na elaboração dos personagens. Ao uso encantador da cor, em tons ocres, se junta uma diagramação ousada, onde os requadros sugeridos e às vezes ausentes criam seqüências sombrias e poéticas, com um tempo narrativo sedutor. Prêmio de Público de Melhor Álbum no Festival de Angoulême/2014, Degenerado mostra que as fronteiras entre história e ficção não existem para a arte. ☪

A SOLIDÃO DE UM QUADRINHO SEM FIM

Adrian Tomine

168 páginas



Perspectiva.

Fotografia por Cyntia Silva.

Florianópolis-SC, 2016.

Anna Kariênina: entre a aristocracia e a promessa do amor burguês

Mauricio Mulinari (1988-) *É catarinense de Xanxerê, que reside em Florianópolis desde 2006. Assessor sindical, é graduado em Ciências Econômicas e pós-graduando em Serviço Social, ambos pela UFSC. Leitor e escritor, acredita que o casamento com os bons livros é aspecto necessariamente revolucionário e emancipador.*

MARX E ENGELS (2017), os fundadores da concepção materialista da história, já afirmavam que as ideias dominantes de uma época são as ideias da classe dominante. Não apenas pelo fato da classe dominante dominar os meios de produção e a distribuição das ideias. Não apenas por ela financiar os ideólogos com o raro tempo livre para a “laboriosa” atividade intelectual. Mas, principalmente, por essas ideias expressarem de forma justa, mesmo que, de forma invertida e parcial, as relações sociais dominantes de uma época.

A obra artística, desta forma, não está apartada da história. Emerge das condições objetivas de determinada sociedade, não estando elevada a nenhum patamar de autonomia absoluta, como um fim em si mesma. É nesse sentido que Lukács (2010) vislumbrava no sistema de produção capitalista, que submete a própria atividade artística aos ditames da indústria extratora de mais-valor, uma completa hostilidade ao desenvolvimento autêntico da literatura e da arte. Essa obra de arte que, na sociedade do capital, se supõe autônoma, serve em absoluto à acumulação de capital. Ou seja, em última instância, funciona para a desumanização do culto irracional ao deus dinheiro.

Por isso mesmo, Lukács identificava no humanismo, e na sua expressão no realismo literário e artístico, o centro da concepção estética de Marx e Engels. Assim, em sua avaliação da qual compartilho, mesmo um autor filho da classe dominante, produto e reflexo de ideias dominantes, seria capaz de estabelecer “uma relação profunda e séria, ainda que não conscientemente reconhecida, com uma corrente progressista

da evolução humana”. Portanto, ao proceder desta forma, pode colocar sua obra a serviço da “salvaguarda da integridade do homem”, em contrariedade a todo processo de estranhamento e fragmentação.

Nesse quadro se insere Tolstói. Proprietário de terras, portanto, latifundiário representante do estamento patriarcal na Rússia aristocrática, dedicou sua obra ao fortalecimento do humanismo. Em *Anna Kariênina*, a obra que aqui nos interessa, por exemplo, ao desenvolver as tramas singulares de vários personagens na Rússia do final do século XIX, Tolstói trataria de apreender e desenvolver as principais tendências do movimento histórico da própria Rússia. Do singular das relações travadas entre as personagens, acessou a totalidade de uma sociedade particular, inserida em um determinado tempo e espaço.

Não se trata, assim, de uma literatura universal por ser abstrata, por caber mecanicamente em qualquer realidade particular. Trata-se de uma literatura universal por trazer em si mesma, como unidade dialética, o singular, o particular e o universal. Longe, muito longe, do atual gosto (ou péssimo gosto) pela arte cosmopolita, essa que é a expressão pasteurizada do mundo das mercadorias, produzidas na indústria cultural.

Diante desse quadro, qual sociedade russa aparece na tragédia de *Anna Kariênina*? Não tenho dúvida, uma sociedade profundamente aristocrática, porém, em vias de uma impotente transição para a modernidade capitalista.

Não por acaso, o primeiro encontro de Anna e Vrónsky – os amantes que imortalizaram a obra – ocorre na estação de trem. Justamente a estação de trem – que aparece recorrentemente como cenário da trama –, o símbolo da modernidade capitalista, da época, trazida de fora, que confronta as antigas relações sociais aristocráticas russas com o capitalismo avançado dos países do Ocidente. O confronto entre o desenvolvimento das forças produtivas e a necessidade de revolucionar as relações sociais de produção, o conflito entre a velha sociedade russa e a modernidade.

Aqui, novamente, Marx e Engels nos auxiliam a compreender a transição da sociedade aristocrática para a sociedade burguesa. Segundo os autores, “durante o tempo em que a aristocracia dominou dominaram os conceitos de honra, fidelidade, etc., enquanto que durante o domínio da burguesia dominaram os conceitos de liberdade, igualdade, etc.” (MARX; ENGELS, 2017).

E é nesse meio do caminho, nessa impotência de realizar a transição, que a sociedade russa, por meio de Tólstoi, seu intérprete, produzirá a tragédia de *Anna Kariênina*. Prisioneira do casamento sem amor com seu marido, baseado na honra e na fidelidade – ou melhor, nos vínculos necessários para reproduzir o domínio social por meio da propriedade da terra – Anna se entrega à promessa do amor burguês, supostamente livre e igualitário, de Vrónsky.

De um lado, Anna e Vrónsky representam a juventude e as promessas das ideias liberais, importadas dos costumes e hábitos ocidentais, especialmente franceses. De outro, estão submetidos às inescapáveis relações sociais russas, à forma do Estado (casamento) e à forma dos costumes morais (fidelidade). Pior, submetidos ao próprio desenvolvimento das forças de produção, onde a base objetiva da vida material russa estava assentada sobre o atraso da relação entre a nobreza rural e o campesinato.

Dessa forma, a estação de trem é a metáfora desses costumes impostos de fora, incompatíveis com as relações realmente existentes. Não por acaso, já na primeira aparição da estação de trem, quando os amantes se conhecem, um fato marcante ocorre: morre um operário, que, inadvertidamente, cai sob os trilhos do trem. Depois disso, não existe mais a classe operária na obra de Tolstói. Não por esquecimento ou qualquer outra coisa, mas, simplesmente, pelo fato desta classe ser totalmente incipiente nas débeis relações de produção capitalistas na Rússia. A morte do operário já antecipa o desfecho trágico da promessa de amor burguês, embalado nas ideias de liberdade e igualdade.

Primeiro, pelo fato de que estas ideias dominantes só poderiam prosperar no caso de relações sociais dominantes que lhe dessem guarida. E justamente aqui, a ausência do operário, sentida como “mau presságio” por Anna, expressa essa inviabilidade. Sem espaço para a ilusão da promessa amorosa burguesa, a única liberdade e igualdade realmente existentes na sociedade do capital é a liberdade de dispor da própria força de trabalho para vendê-la por meio de um salário equivalente, portanto, igual às necessidades de reprodução desta mesma força de trabalho.

Segundo, o desfecho é trágico pelo fato da promessa burguesa ser, até hoje, apenas isso, uma promessa. O relacionamento de Anna e Vrónsky é a expressão da inviabilidade constitutiva, na sociedade de classes, da realização destes valores idealizados. Anna, de forma alguma, vive a liberdade e a igualdade na relação com Vrónsky, assim como não vivia com o marido. Liberta-se da prisão da “mulher de honra” para adentrar a nova prisão da “mulher decaída”, torturada pela culpa diante do “abandono” do filho, repudiada nos círculos sociais e se sentindo “suja” diante de seu “pecado”. Isolada dentro de casa, desumanizada, em ambas as prisões. Vrónsky, por sua vez, também está escravizado diante de sua carência de amor que se projeta em Anna. Preso entre o ideal inicial do “homem conquistador” e o ideal do “homem pai de família”. Vive o primeiro diante das investidas amorosas sobre Anna, enquanto o segundo lhe é negado diante da condição “decaída” da amada. Assim, ambos transitam da condição de enamorados para a dubiedade entre amor e ódio que antecede a tragédia.

Ao final da obra, ambos, não por acaso, também na estação de trem, chegam ao mesmo fim trágico do operário. Anna, atirando-se sob os trilhos do trem, comete o suicídio como “vingança” à inviabilidade da promessa do amor. Vrónsky, por sua vez, simbolicamente, também se suicida na estação de trem, quando, diante da perda

de Anna, entrega sua vida, “sem mais nenhum valor”, para sacrificá-la na guerra.

Se a impossibilidade e o desfecho trágico guardam a mesma substância em ambos os casos, a forma como é vivida, é obviamente distinta. Na sociedade aristocrática, a frustração e o suicídio de Vrónsky, o homem, são simbólicos. Já em Anna, a mulher, ambos são reais. Aqui a sociedade de classes ganha sua dimensão mais evidente de inviabilização completa do amor: nenhuma possibilidade de igualdade e liberdade. Valores estes que só podem ser vividos, em sua real substância, mediante outras relações sociais qualitativamente distintas.

A impotência da sociedade russa, presa nessa transição irrealizável entre os valores aristocráticos e as promessas burguesas, aparece na dimensão da tragédia. Entretanto, se as promessas burguesas acabam na tragédia, os representantes da velha ordem têm um fim menos digno: a degeneração lenta e gradual, na espera do seu coveiro histórico, que, graças ao desenvolvimento do proletariado e aos bolcheviques, haveria de chegar.

O marido de Anna, Alieksei Kariênin, homem de Estado e religioso inveterado, vê no abandono da esposa a dissolução daquilo que lhe dava sustentação para uma carreira prodigiosa e medíocre como burocrata. Não encontra nenhuma explicação, nenhuma razão e é atravessado pelo sofrimento. Sua “salvação” se dá na adesão ao misticismo, em mais uma das tantas seitas místicas, românticas e reacionárias que se multiplicavam nos círculos aristocráticos decadentes daquela Rússia em transição.

Já outra personagem importante da obra, Liévin, é o próprio alter ego de Tolstói. Proprietário de terras que prefere o campo idílico e a relação com os camponeses às intrigas políticas, Liévin inicia a trama orientado pela adesão ao ateísmo materialista e à busca de uma “razão universal”. Está em luta com o liberalismo, que tenta adentrar na sociedade russa, promovendo a subordinação de tudo e todos ao interesse individual. Representante das relações de produção – agrárias e servis –, Liévin exalta os camponeses em confronto com as novas técnicas agrícolas ocidentais. Por isso mesmo, ao manter os pés fincados em contrariedade à modernidade, vive um casamento relativamente tranquilo, onde os velhos papéis sociais são respeitados, sem ilusões modernas.

Degenera não por aí, mas na própria compreensão intelectual da realidade. Escravo da sua posição social de proprietário de terras, que só pode ver na experiência do trabalho um mero deleite ocasional, não tem elemento nenhum para sustentar sua busca pela razão. Lembremos, a classe operária está morta desde o início do livro. Nessa impossibilidade de encontrar a base real da razão, ou seja, o trabalho, sua busca pela razão sucumbe ao idealismo romântico. Este acaba por desaguar na fé em Deus, a razão pura idealizada, unidade de bondade e amor ao próximo, sem violência, onde a oferenda da outra face é o critério da elevação moral. Não por acaso, por aí enveredaria a posição política do próprio Tolstói, uma espécie de resistência pacífica tão em voga nos nossos dias.

Liévin avança, pois reconhece a inexorável unidade social. É autor humanista, em busca da compreensão da totalidade. Porém, degenera em direção ao cristianismo por não compreender, e nem poder compreender, o dever histórico representado pela classe operária.

Por fim, há algum espaço para a superação desta impotência na obra Anna Kariênina? A meu ver, a superação está contida, justamente, no movimento original que Anna realiza. Quem apreende este movimento, mesmo que superficialmente, é Vrónsky, aquele que melhor lhe conheceu. Já ao final, após o suicídio de Anna, também na estação à espera do trem em direção à guerra, ele pensa consigo mesmo:

“..tentou lembrar-se dela tal como a encontrara pela primeira vez, também na estação, misteriosa, sedutora, amorosa, ansiosa para receber e dar felicidade, e não vingativa e cruel, como dela se lembrava naquele último minuto”.

“Misteriosa, sedutora, amorosa, ansiosa para receber e dar felicidade”. Esta é a promessa da vida, fruto da imensa capacidade humana de produzir toda a riqueza e deleite objetivamente disponível. Diante disso, Anna se entrega à luta, contra a situação anterior, que lhe tornava insuportável viver. Se deste movimento original, Anna tornou-se “vingativa e cruel”, não foi contra Vrónsky, seu objeto de amor. Tornou-se vingativa e cruel, sentimentos também humanos, contra a ilusão que lhe tomou tudo e não lhe entregou nada. Assim, somente no dia em que o amor e a vingança se unirem contra o adversário correto – em nossa quadra histórica, o capital e a burguesia – finalmente estaremos diante da real reconexão de tudo aquilo que nos é humano, diante da revolução. ☪

Referências bibliográficas

LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. A ideologia alemã. São Paulo: Boitempo, 2017.

TOLSTÓI, Liev. Anna Kariênina. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Poemas & Formas Livres

Notas e aforismos

Ítalo Mendonça (1986 -)

Designer. Escreve para meditar sobre arte, cultura e os dilemas da vida.

www.italomen.com.br



Fotografia por Ítalo Mendonça.

Mistério •

A beleza está mais próxima do que imaginamos. Com um olhar sensível, o mundo revela algo sobre nós e sobre o mistério da nossa existência.

Criar é uma forma de experienciar esse enigma primordial.

Somos também obras de um artista atemporal.

Cada dia contém uma vida •

São dramas, romances, tragédias, comédias que acontecem do amanhecer ao pôr-do-sol.

Todo dia é uma nova oportunidade de recomeçar.



Fotografia por Ítalo Mendonça.

Rumi •

O que o cientista tenta mostrar o poeta já pressentiu, o monge já sabe, os pássaros e as árvores já são, e o céu sempre foi.



Fotografia por Ítalo Mendonça.

Um boi sobre os ombros •

“Conta-se que Milon fez sua entrada no estádio de Olímpia carregando um boi sobre os ombros. O que vale mais? Ter esse vigor físico ou aquele, inteiramente intelectual, de Pitágoras?”

Em suma, usemos tal vantagem quando a tivermos e não a lamentemos quando ela desapareceu. Acaso os adolescentes deveriam lamentar a infância e depois, tendo amadurecido, chorar a adolescência?

A vida segue um curso muito preciso e a natureza dota cada idade de qualidades próprias. Por isso a fraqueza das crianças, o ímpeto dos jovens, a seriedade dos adultos, a maturidade da velhice são coisas naturais que devemos apreciar cada uma em seu tempo.”

Cícero, em seu livro “Saber envelhecer”.

P. S. Um bom presente para quem está reflexivo com a passagem do tempo.

Gênesis •

“We need to recognize our time as a genesis moment”.*
(@iamfujimura)

Guerra cultural é uma contradição por essência. Como guerra (destruição) e cultura (cultivo) podem coexistir numa mesma intenção?

Pense nos termos bélicos que estão associados às guerras culturais: ocupação de espaço; desconstrução; cancelamento; revolução...”

O que o Makoto Fujimura apresenta é uma rota de fuga para quem não quer participar dessa dinâmica destrutiva. A via da arte regenerativa, generosa e criadora. “*Culture Care*”.

*Precisamos reconhecer nosso tempo com um momento de gênese.



Fotografia por Ítalo Mendonça.



Fotografia por Ítalo Mendonça.

Somos reféns da nossa imaginação •

Se por um lado, o ser humano é dotado da capacidade de imaginar mundos e vislumbrar futuros, também corre o risco de ser assombrado pelo pessimismo do que ainda está por vir - e se não vigiar a própria mente, submerge em suas próprias angústias e decepções.

Não por acaso, Tolkien usou da fantasia para dar vida ao mago encarregado de preparar as gerações futuras para que lidem com os “dragões” que habitam os pensamentos.

“— Gostaria que isso não tivesse acontecido na minha época - disse Frodo.

— Eu também - disse Gandalf. — Como todos os que vivem nestes tempos. Mas a decisão não é nossa. Tudo o que temos de decidir é o que fazer com o tempo que nos é dado.”

“Há outros males que poderão vir; pois o próprio Sauron é apenas um serviçal ou emissário. Porém não é nosso papel dominar todas as marés do mundo, e sim fazer o que está em nós para o socorro dos anos em que fomos postos, extirpando o mal nos campos que conhecemos, para os que viverem depois tenham terra limpa para cultivar. O clima que enfrentarão não nos cabe imaginar”.

Goethe e as paisagens que curam •

Em sua famosa viagem à Itália, Goethe flertou com a possibilidade de virar pintor. Em Roma, conheceu Jakob Philipp Hackert, um artista que mais tarde virou o mestre de pintura do poeta alemão.

Em crise com a poesia, Goethe encontra em Hackert a “realização de uma via artística modelar”, um contra-exemplo para os jovens que corriam o risco de serem captados pela estética romântica e pela tentação de fazer dos seus fantasmas pessoais o tema central de suas criações.

As belas paisagens eram, para Goethe, a cura contra a doença das paixões devastadoras e saudosistas, e, ao mesmo tempo um lembrete do milagre da nossa existência.

Nunca deixamos de ser parte da natureza. E um belo pôr-do-sol é um lembrete de que compartilhamos com o cosmos o mesmo DNA.

(Reflexão fáustica pós-Faustão inspirada no livro “Goethe e Hackert - Sobre a pintura de paisagens”, org. Claudia Valladão).



Fotografia por Ítalo Mendonça.



Pintura: Darial Gorge, de Ivan Aivazovsky (1862)

Diálogo luso-brasileiro •

Na beira de um rio qualquer, enquanto os cavalos descansavam da longa jornada:

“Ando devagar porque já tive pressa”, disse o violeiro. “E levo esse sorriso porque já chorei demais. Hoje me sinto mais forte, mais feliz, quem sabe. Só levo a certeza de que muito pouco sei, ou nada sei. Penso que cumprir a vida seja simplesmente compreender a marcha ir tocando em frente. Como um velho boiadeiro, levando a boiada, eu vou tocando os dias pela longa estrada, eu vou. Estrada eu sou.”

“Águas passadas não movem moinhos”, cantarolou a fadista. “E a pedra da mó vai ter de girar. São terras pisadas que fazem caminhos, de mágoas e risos se fazem bons vinhos.”

A noite se aproxima e, depois de um breve encontro, cada um segue seu rumo.

(Almir Sater, Tocando em frente & Madredeus, Águas Passadas)

Silêncio •

Se todas as distrações, lazeres e compromissos sumissem, você estaria confortável com a sua companhia APENAS?

O silêncio prolongado é algo que entedia ou que acalma? Muitos dos desejos imediatos são uma resposta à aflição de quando estamos a sós.

Aliás, a qualidade de uma relação pode ser medida pelo tempo que duas pessoas conseguem suportar na presença silenciosa da outra no mesmo ambiente. Aquela tranquilidade que só a intimidade permite acessar.

Estar confortável quando se está quieto é um bom indicativo de que o jardim interior está bem cuidado. Os frutos doces e as flores agradáveis testemunham a seu favor.

“What your silence said?”

(Susheela Raman) ☪



Pintura: A Sheik's tomb at sunset, de Augustus Osborne Lamplough (1877 - 1930)

Ninho de Escritoras

Um grupo para quem quer explorar sua expressão através da escrita, contando com apoio coletivo, num espaço de segurança que acolhe nossas dúvidas, incertezas e ideias.

Mari Pelli. (1987-) Apaixonada por escrita desde sempre, se descobriu escritora recentemente, em meio ao grupo de mulheres com quem compartilha os desafios de colocar em palavras as inquietações que moram dentro da gente. Acredita tanto na importância de contarmos novas histórias para construir realidades mais justas e humanas que facilita encontros de escrita e ajuda pessoas e projetos a colocarem suas ideias pro mundo.
site: www.maripelli.com.br
insta: @mpelli



Fotografia por @outontheearth encontrada no @pexels.



PUDE VER TUDO. passado, presente e futuro andando coladinhos. um sobre o outro, um através do outro, sem começar nem terminar. eram uma coisa só, embora desse pra distinguir cada uma de suas partes.

diante do tempo, eu tinha cabelos longos e bem brilhantes. brancos e prateados. lindos. desejei imenso ser esta mulher, eu do futuro, que sabe brincar de tempo.

certamente tocava uma música ao fundo. talvez a mesma que me mostrou hoje cedo um movimento que meu corpo não conhecia. dançávamos o tempo mulher, agora.



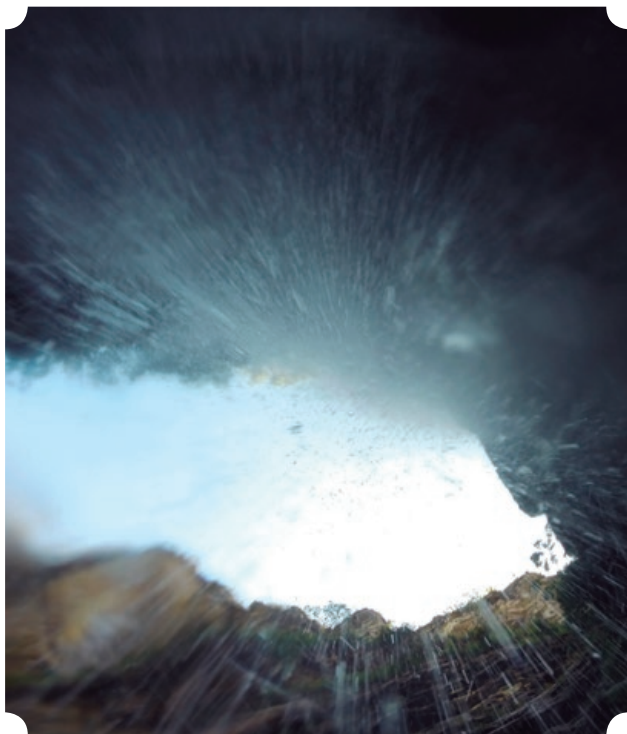
A SAÍDA É PRA DENTRO.

um degrau lento de cada vez nessa subida,
de cima pra baixo,
de baixo pra cima,
perdidas em nós.

no fundo do fundo do buraco,
que também é o ponto mais alto,
é que se vê a luz.



Fotografia por @mauroalex.



Fotografia por @mauroalex. (2017)



A URGÊNCIA DOS NOSSOS SONHOS

não espera a água baixar.

pra onde será que vai o amor
num dia de enchente?

vai arrastado com o tudo de uma vida?
ou fica pra oferecer um teto pra primeira noite
sem abrigo?

em que canto estará escondido o amor numa
UTI em que até o ar falta?

onde foi parar o amor no meio dessa guerra?

Escrito no #NinhodeEscritoras a partir da poesia “o amor é uma tecnologia de guerra (cientistas subnotificam arma-biológica) indestrutível” @tatiananascivento

Cilene LO.

Cientista, Professora, Escritora,
Feminista, Fã de animais e de gatos.
insta: @cilene25021970
medium: @cileneoliveira_5433

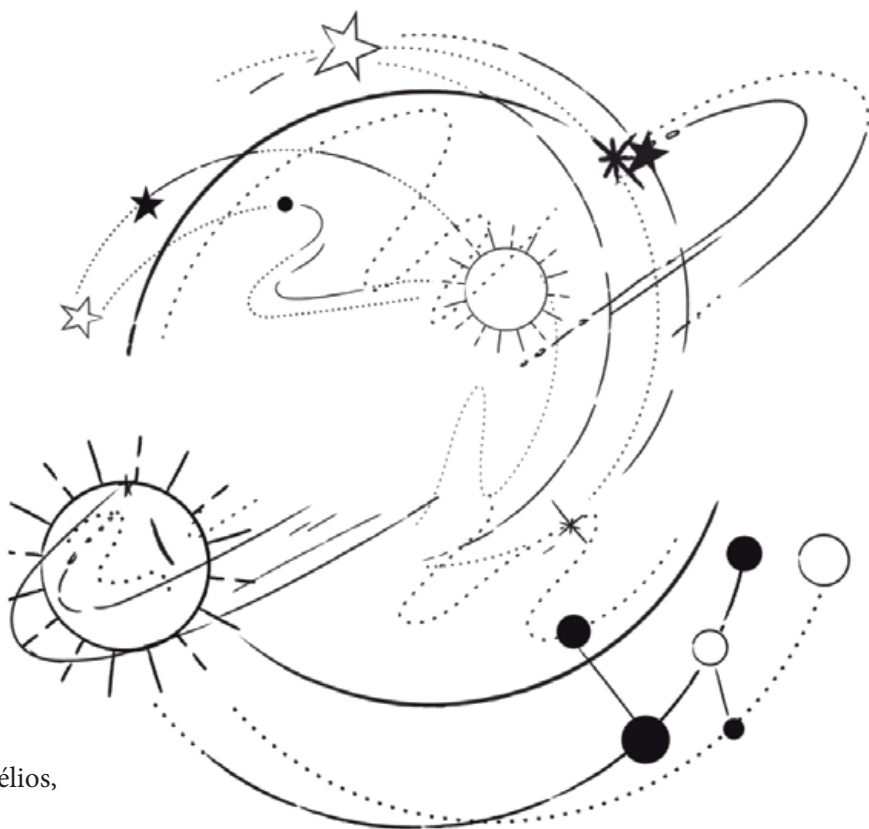
MOTO PERPÉTUO

A roda gira.
O moinho gira.
A terra gira.
A lua dá voltas.
O sol flameja.
As galáxias se afastam em espiral.

Elétrons saltam entre orbitais.
Íons fluem através de membranas.
Moléculas pequenas atravessam epitélios,
E vazam pelos poros dos capilares.

O coração bombeia sangue contra as artérias.
A saliva flui constantemente pra dentro da boca.
Ondas peristálticas viajam pelos intestinos
Abrindo e fechando esfíncteres.

Até o rosto do morto se move quando imagino.



*Ilustração por CLO.
Feito no Canva.*

Andrea Custodio.

Uma escritora em construção. Curiosa. Romântica.


Poetizando os momentos.

insta e medium: @deacustodio

A VIDA POR UM FIO

O que é a vida senão a fragilidade vivida
Sentimos dores, frio, medo, ansiedade, fome
Temos sono, cansaço físico, cansaço mental, doenças
Nosso cabelo fica branco, a pele enruga, nossas juntas doem
Nossa paciência aumenta e nossa maturidade nos surpreende
Tudo isso fica por um fio
De uma hora pra outra acaba
Sem ao menos nos dar tempo de lembrar dos cabelos viçosos
Da força do braço
Da coragem que tínhamos
Dos amores vividos
Das longas caminhadas sem cansar
Da pele lisa
Da cor rosa recebida do sol
A vida é um fio
Que a qualquer momento pode arrebentar
Como berloques de uma pulseira que se desprendem
Escorregam
Sonhos
Família
Amigos
Um grande amor
Quando caem se dispersam, se perdem, somem...
Essa é a sensação, mas quem some somos nós...

*Foto de
Anete Lusina
do Pexels.*



Luciana Araújo (1975 -) A relação com a escrita nasceu nas Letras, inicialmente para atender às demandas acadêmicas. Aos poucos, a necessidade de usá-la como ferramenta de comunicação, de expressão de sentimentos e de opiniões cresceu e se concretizou em grupo formado por mulheres que compartilham emoções e desejos. As palavras ganham vida e contam histórias, sonhos, inquietações. Acredita na escrita como vetor de transformação e de desconstrução de padrões que afastam as pessoas de si e do mundo.

medium:@luarauj.2005

insta: @lularauj

I

PARA QUEM ESTÁ SOLAR COM A VIDA

Contemplar os tons do céu

E enxergar arco-íris
onde só há nuvens

E como elas dançam
E desenham formas
Que são decifradas
por quem está solar com a vida

O coração sorri
E bate no compasso do samba
Aquele bem maroto
Cuja única intenção
É de se deixar levar até a pista

E lá encontrar o par
e bailar num suor
de cores, sabores e tambores
Até o sol raiar.

Para quem solar com a vida.

Foto de Luciana Araújo

II

SABEDORIA

Concentra
Não esquenta
Aumenta
A Paciência
A Paz e a Ciência
para ter Eficiência
Pq é boa a hora
de ir embora
Se chove lá fora?
E como está dentro?
Quente? Morno? Frio?
Vulcão
Quase em erupção
Quente como aquele café
que queima a boca
E os excessos?
Eliminá-los
E não ficar mal
nem do corpo
nem da mente
se é que você me entende?



III

POR QUE EU ESCREVO?

O que seria do leitor sem o livro?
Da criança sem o brinquedo?
Da flor sem a água?
Da cor sem o tom?

Assim é a minha relação com a escrita

Exercito além de neurônios,
músculos,
Exercito o EU

Des-construo
Re-construo
Re-formo

Compartilho o sentir
o pensar
o viver

Para quê?
Para me libertar de mim.



IV

SOPRO

Afaga e refresca a pele
Traz boa nova
Muda os fios de lugar
Dita o ritmo das folhas
que tilintam ao seu toque
às vezes veloz
Noutras, feroz

Corre feito queda d'água
Varre o que não vale a mágoa
Deixa nu o que está frágil

Limpa o céu
Palco de estrelas

Leva as nuvens
Para as cabeças cheias de culpa
de engano
de decisões ilusórias

E para onde o vento vai
Depois de tudo soprar?

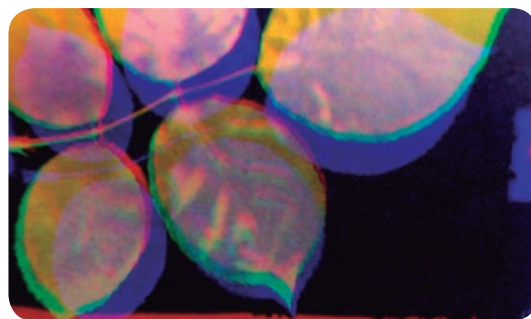
Repousa
Até o próximo chamado chegar.

Mariana Amorim. (1991-) De menina curiosa pelas letras e pela natureza, escolheu explorar esta primeiro e se formou professora de ciências. Mas a vontade de escrever seguiu pulsando e hoje escreve como forma de ouvir o coração, dela e das outras pessoas, e de, junto com a docência, sonhar e construir outros mundos.
medium/insta: @marizba



I - POESIA PARA PRESIDENTE

pras eleições deste ano
vou de candidatura coletiva
não representativa
porque não representa
mas existe e resiste
na mão suada e cheia de calos do trabalhador rural
no ventre quente e cansado da dona de casa da periferia
nas coxas assadas das prostitutas
no calor de marmita e cobertor daquele em situação de rua
no coração partido da mãe do morro que perde seu filho
na fome itinerante do entregador de aplicativo
na persistência do esperar de educadores e educadoras
nos corpos constantemente expostos de quem trabalha na saúde
no silêncio visível daqueles que gritam nos muros
na boca de quem batalha no rap
no desejo de ser quem se é daquelx que da norma desvia
na certeza de ser terra do indígena que a tem negada
na fé do menino que procura sua pipa
na revolta do oprimido quando se conscientiza
na rebeldia de quem ousa lutar pra além das urnas e na luta cotidiana organizada se situa
no povo que toma o poder
poder que é pura poesia
essa candidata vai vencer
e vai nascer um novo dia



II - PALAVRAS SECAS

Palavra seca é paradoxo. Você não sabe que as palavras são cheias de si? Quando a gente não tá olhando pra elas, elas tão lá, transbordando sentidos, todos os sentidos que uma palavra pode ter. Só que a gente nunca vai ver. Porque quando a gente olha a palavra, ela só nos dá o que nossa mísera percepção permite alcançar. A gente sabe tão pouco, coração. Mas o pouco já é tão tanto que não cabe em ser-tão nenhum. Não cabe no ser-tão vasto e infinito do retirante. Não cabe no ser-tão do coração abandonado. Nem no sertão da sede por conhecimento. Você realmente acha que caberia no sofrimento de palavra que não escoar? A fonte que secou, coração, é outra. As palavras tão lá só esperando a gente abrir suas torneiras. As nossas torneiras. Será que não é de secura de coragem que você sofre? Até porque a palavra coragem tem raiz no coração, coração. E de sede, sabemos bem, ele não sofre.

Negra Si. Tem paixão pela leitura desde a adolescência. De lá pra cá suas palavras já foram gravadas por uma banda local de Florianópolis e publicada no livro “Sobre Gentes” e a levaram longe, tendo participado de um grupo de poetas livres, do Sarau Mulheragens do Desterro, da Batalha das Minas, do evento nacional 8M, do Sarau As Mina Tudo no Tum *sound* Festival, Sonora festival, do evento Mulheres de poder, além de outras palestras e eventos.

O AMOR PODE SER RÁPIDO

O amor pode ser lento

O amor pode ser um ato

O amor pode ser por um tempo

O amor pode ser um estado

Também pode ficar na estante

O amor pode ser um retrato

O amor pode ser um brilhante

O amor pode ser morte

O amor pode ser ferida

O amor pode ser um corte

O amor pode ser vida

O amor pode ser novo

O amor pode ser velho

O amor pode ser um talvez

O amor pode ser eu te quero

O amor pode ser vai

E também pode ser volta

Pode ser sem proteção

E também um amor com escolta

O amor tem tanta definição

Que não cabe nesse papel

O amor pode ser bom

E também pode ser cruel

Então por mais que eu tente

Não conseguirei explicar

Se não tentou, então tente

Me explica o que é amar

O amor já foi quente

Me fez carente

Me fez chorar

Só quero que o amor hoje

Me faça não querer parar

Levar pra muitos meu amor

E pela dor poder trocar

O amor é sem tempo

Sem momento

Todo dia é dia de amar

O amor está sempre em movimento

Nunca pode acabar

Quando findar o amor

Não quero mais por aqui estar



!ME AJUDA A TE AJUDAR!

Toda vez que peço ajuda, estou sendo vitimista

Por ser negra ser mulher, não devo ser submissa

Ser poderosa

empoderar,

nós vestimos essa camisa...

Então muitas vezes vamos chorar escondidas, e encenar como artista

Mas toda fortaleza um dia pode ruir

Já é da nossa natureza se enganar e se iludir,

Mas se podemos matar os sapos

Pra que vamos engolir

Somos fortes, como rocha

Somos frágeis como flores

Somos lindas sim

Mas também temos nossas dores

As vezes precisamos de ajuda

Mas não temos coragem de falar

Então ficamos muda, preferimos, chorar

E nada muda ... E é assim que vai acabar?

Tá na hora me ajuda a te ajudar! ☹



*2020 aquarela,
Formato A3,
de Cathy Burghi*

Luciana Tiscoski. (1972 -) *Jornalista e escritora. Tem mestrado e doutorado em Literatura pela UFSC, com estágio em doutorado na Université Paris X - Nanterre, França, e pós-doutorado em Artes Visuais (História, Teoria e Crítica) pela UDESC. Publicou ensaios, artigos, poemas e contos em revistas, livros e periódicos acadêmicos. Com o coletivo de poetas mulheres Abrasabarca, participa dos livros Abrasabarca, lançado em 2018 pela Editora Medusa, e Revoluta, de 2019, pela Caiaponte Edições. Trabalha atualmente como técnica de cultura do Sesc Santa Catarina.*

Cathy Burghi. (1980 -) *Nasceu em 20 de novembro de 1980, em Montevideú, Uruguai. Em 2001 entrou na Escuela Nacional de Bellas Artes IENBA, onde estudou Artes plásticas e visuais. Em 2006, ganhou uma Beca de estudos do MEC para fazer um intercâmbio na U.F.M.G. De 2007 até 2015, morou e trabalhou na França e, desde 2016, vive em Florianópolis/SC. Expôs em vários países (Brasil, Argentina, México, Canadá, Uruguai, França, Bélgica e Japão).*

É só pânico

*Quando sussurro, sou como os grilos,
assoviando para que o medo não venha;
não tão logo, que fique ainda longe,
escorado por esse ruído mínimo.*

Noemi Jaffe

é só pânico acontece

a gente ouve jazz e se aquece

mãos acordam carnes frias

na madeira e no vinho

silencia tudo e

a voz que sussurra

é grito inaudível

o mundo assusta

e o tempo em resposta

cria fungos nos ossos

vértebras que rangem

deslizando horizontalmente

o sussurro incessante

driblando o pânico
jokerwoman finge oceanos
debaixo de pântanos

o cachorro branco virando unicórnio
espia da janela
perdendo da vista
o vermelho da vida

talvez yoga
talvez a dança da amiga

talvez correr
talvez sexo

só não perca de vista o vermelho da vida
vou logo ali onde as cores
se misturam e desmaiam

então talvez consiga novamente olhar com calma
para cada uma
das cores não mortas

talvez ler mais
quietude qualquer
para rememorar um verso

tem gente que pede socorro dançando
resposta do corpo daqui a pouco eu fervero
porque logo há setembro
e o sal está a dois passos daqui

é só pânico
de excesso de vida

talvez flamenco
o sangue da andaluza
talvez fogo
o calor dos corpos escoiceando o solo
e avisto de novo no encalço
o vermelho da vida

e tudo é um só pânico
de um vivo sussurro que escorre
num rio vermelho

[Desejo sim comungar com gentes, te prometo na próxima carta um conto sobre a tradição do carro de bois, daqui de bem perto do morro do desterro. Uma trilha de fácil acesso, com visual e não muitos turistas, violências na periferia e ainda assim um lugarejo de muros pintados de coisas e um trago só, de poesia, com as gentes que andam de olhos abertos. Um irmão já me enviou um dicionário popular e garantiu casos de famílias da ilhota me trazendo as partes todas do carro de bois e os artificios da cantadeira. Passando a pandemia, prometo adiar o tempo da instituição e do confinamento, me sentar com os sábios do viveiro de mudas do rio verde para desaprender literaturas. Só não prometo manter o céu limpo do sobrevoos de bruxas volantes. No conto das contadeiras, em cada caso contado, é possível que os bois sejam fantasia e o pensamento da velha rompa o eixo do carro, mesmo sendo construído de aroeira, sucupira ou jacarandá, madeiras resistentes e ruins de fogo.]

talvez candomblé
talvez atabaques
bumbos
talvez ayhuasca
talvez cores de mulheres
queimando à beira do sol
ou de novo
talvez se ilhar só

talvez amor
escrever mais
talvez saraus
é só pânico só agora vai passar
vai virar pó

talvez mar ☪

Tomados pela música

Marcoliva. (1969 -) *Artista multimídia, cantor, compositor, ceramista e escritor. Publicou os livros Dupla Poesia, com Marli Silveira (Ed. Edunisc, 2008), De A a Z, uma história poética da brincadeira do Boi-de-Mamão na Ilha de Santa Catarina (Ed. Bernúncia, 2012) e Paralelepípedo Poema (Ed. Lesma, 2016), um relato de educação e prática multidisciplinar, envolvendo cerâmica, música e poesia. Tem cinco álbuns gravados: Parceiros (2001), Bendita Companhia (2008), Sonora Parceria (2012) e Sawabona Shikoba (2016). Na música tem sua obra catalogada no “Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira.*



Sintonia.

Fotografia por Cyntia Silva. Natal-RN, 2018.

MAS O QUE É AFINAL, esse amor tão infernal
Mas o que é afinal, esse amor fenomenal?
Acordo, levanto e deito e ela não sai do peito

Ora é xote, ora baião, outras vezes, simplesmente canção!
Eu só sei é que me invade o coração e pulsa e bate e me agita
Me faz chorar, me sacrifica... Fica colada dentro de mim!

Essa música é danada, do nada me tira do desatino
Num segundo sou menino e danço e canto à sua beleza!
Ela colocou na minha mesa, muito mais que um pedaço de pão

Colocou mil sons... em meu coração vagabundo
E já, não vejo o mundo
Com os mesmos olhos

Agora é ela que tudo vê e tudo sente

Parece mesmo que não sou mais eu
eu, não me sinto só, mais nenhum segundo
a música é um mundo

cheio de sons
de irmãos
e de paz! ☪

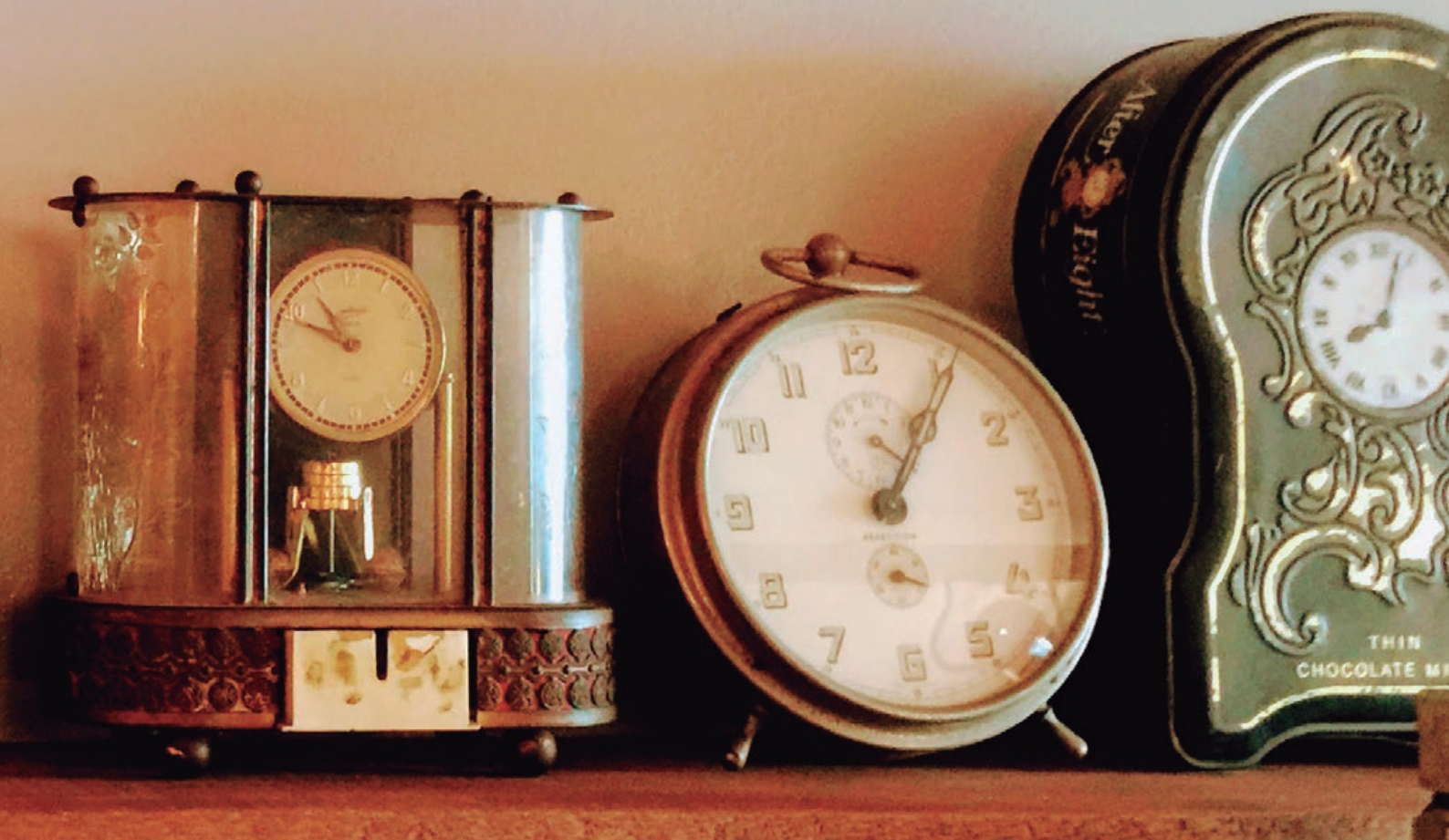


“Tempos”.

Foto por Cyntia Silva. Florianópolis-SC, 2016.

Oitenta e três

Priscila Lopes. (1983) Nasceu em Florianópolis-SC. É formada em Relações Internacionais e especialista em Comércio Exterior. Destaque em concursos e seletivas literárias, publicou os livros “Uns Traços, todos imponderáveis”(Editora da Casa, 2010) e “O livro espantado” (Editora Patuá, 2014). Instagram: @priscila.lopes_escritora.



TENHO UM PÔNEI quase sem vida
a brincar no meu jardim.
Toda beleza de sua crina
se deve à coloração - seu pelo é
ralo reto ruim.
Às vezes coloca a cabeça em minha janela
e espia meus quatro cantos do mundo.

(uma senhora estende suas roupas
ao ritmo da brisa
de Glenn Miller e

o silêncio me espreita enquanto
cruzo caras e bocas)

Sei que me aguarda um homem
- um desconhecido meu -
e uma criança sádica
- nasceu torta -
mas meu pônei estampa pulos em muros
inscritos em signos, falsos teoremas.

O ano de 2020 bordado em minha blusa
branca, escurece-me
a face mordida;
e todo gesto novo que invento,
e toda maquiagem com que me preencho
data de setembro de 1983.

Meu corpo é mudo feito um pônei cinza. ◊



Janelas

TEXTO

Ângela Prestes. (1993 -) É gaúcha e mora em Florianópolis desde 2016. Formou-se em jornalismo e já atuou como repórter, designer e assessora de imprensa. Neste ano, iniciou graduação em letras-italiano na UFSC. rprestesangela@gmail.com

ILUSTRAÇÃO

Ben Ami Scopinho. (1970 -) É paulistano dos anos 70, mas já viveu mais da metade da vida em Florianópolis/SC, onde deu prosseguimento às artes gráficas, focando na carreira de ilustrador e infografista. marcadecaim@gmail.com

EU OLHAVA PELA JANELA E, se eu esticasse bem o braço, eu alcançava um caqui maduro.

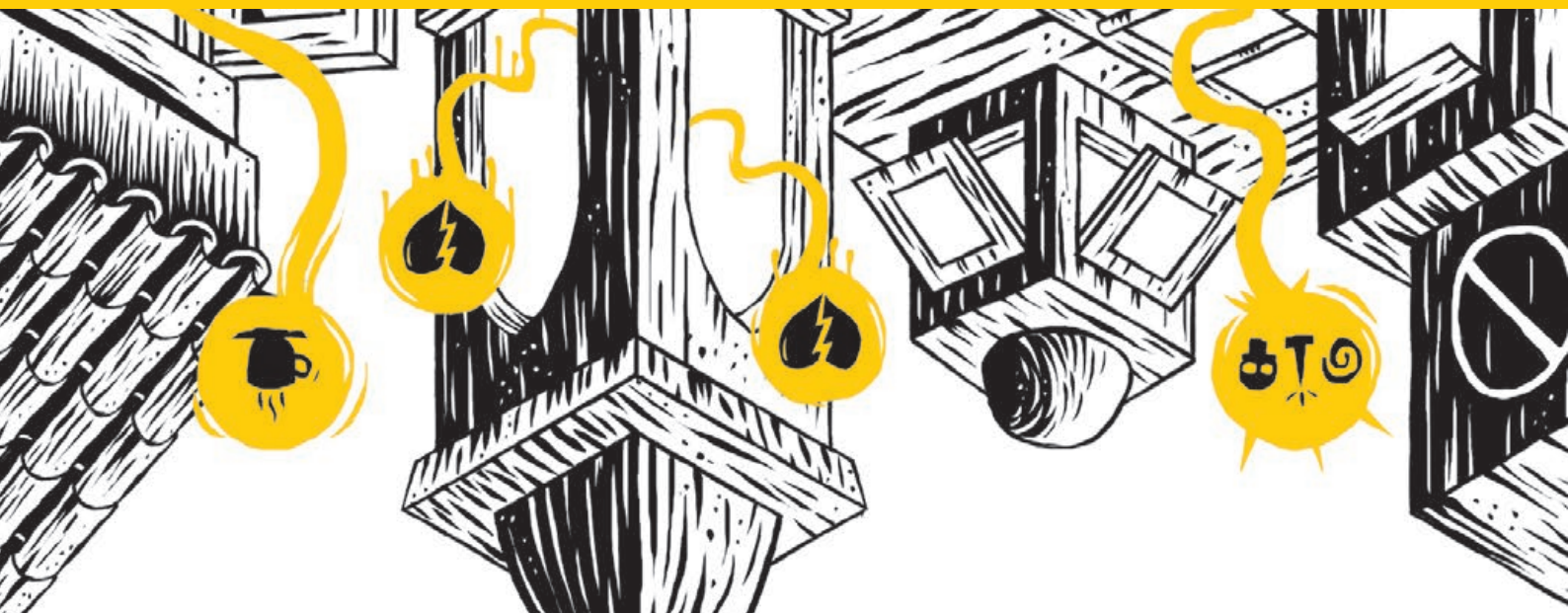
Se eu pulasse, eu caía na grama. E levantava, e corria. Nenhum portão e nenhum joelho ralado pra me dizer: você não pode sair.

Pelas outras janelas eu via um mundo pequeno passar, e ele passava devagar. Me levava pra perto e me trazia de volta. Não existia qualquer preocupação em não chegar.

...

Eu olhava pela janela e, se eu esticasse bem o olhar, a vista não passava da parede do prédio vizinho.

Se eu saísse pela porta, não existia bom dia. Das ruas e das pessoas, eu não reconhecia ninguém.





O sol não entrava por essa janela, também não entrava muito vento, muito menos uma fruta madura. Entravam vozes, buzinas e incertezas.

Das outras janelas dava pra ver um mundo acelerado, que me levava mais longe e nem sempre me trazia de volta. Por elas eu vi passar continentes, mares e desejos.

...

Eu olhava pela janela e finalmente via o pôr-do-sol. Via mais do que concreto e muito mais do que indiferença.

Se eu pisasse na calçada e procurasse bem eu encontrava afeto.

Mas as outras janelas, dessa vez, insistiram em me levar ainda mais longe. Delas, deu pra ver um mundo inteiro ficando pra trás.

Eu olhava pela janela e, de novo, não reconhecia nada, nem ninguém.

Se eu andasse pela rua o bom dia tinha um outro sotaque.

Pelas outras janelas eu via passar a vida, às vezes muito rápido, às vezes muito devagar. Quando corria ficava mais leve. Quando desacelerava pesava em algum lugar.

...

Eu cheguei e tirei a rede de proteção da janela. Eu abri as cortinas e deixei o ar entrar. Agora o vento já não tem cheiro de mato, mas cheira à liberdade misturada com a brisa da água salgada.

Eu olho pela janela e, se eu esticar bem os meus sonhos, vejo além de duas pontes e um mar. ☾





Espaço para estimular a expressão escrita

Oferecemos suporte à prática da redação em diversos contextos: acadêmico ou técnico, vestibular e concurso, mídia digital ou [simplesmente] para o prazer de escrever criativamente.

Nossa proposta

A produção de textos, nos seus mais variados gêneros, é uma atividade com a qual nos deparamos cotidianamente, quer em situações formais ou informais. No contexto de comunicação digital, redigir de forma eficiente tornou-se um poderoso instrumento de interação social. Entretanto, ainda são muitas as pessoas que possuem alguma espécie de bloqueio para o manejo da linguagem escrita.

Na Oficina da Palavra proporcionamos algumas ferramentas e técnicas para o desenvolvimento da consciência textual e do raciocínio crítico. Nosso combustível é a paixão pelas palavras e pelo poder que elas proporcionam para impulsionar a necessária mudança social.

A Revista Texturas é uma publicação da Oficina da Palavra. Ex-alunos e convidados trazem a literatura em suas vidas e nos brindam com suas palavras e reflexões. Entre os textos, temos contos, crônicas, poesias, aforismos, fotografias, artes plásticas e outras imagens usadas como fios das vidas e das histórias que passam por ela.



Espreitando o futuro.

Foto de Cyntia Silva. Florianópolis, 2021.



Contatos:

cynthia@ofpalavra.com.br

(48) 9 8481.0843

[instagram@oficina_da_palavra](https://www.instagram.com/oficina_da_palavra)

[facebook@ofdapalavra](https://www.facebook.com/ofdapalavra)

www.ofpalavra.com.br



OFICINA
da Palavra
PUBLICAÇÕES

WWW.OFPALAVRA.COM.BR